

EGOÊNCIA

*As águas descem da montanha,
o fogo arde na lareira.*

Esta obra não é para ser *lida*,
mas para ser *ouvida*:
trata-se de poder escutar
o *tom fundamental*
em que fala a própria obra.

ÍNDICE

FUGA DE ACORDES, EM BUSCA DO A-CORDE.....	6
É POSSÍVEL DAR NOME AO QUE AINDA NÃO TEM NOME?.....	7
EGOÊNCIA: PALAVRA INTRADUZÍVEL.....	8
A noite cósmica irrompe como mensagem secreta no coração.....	9
A sombra do antigo éon oculta a luz que ingressa.....	10
“Estava no mundo... mas o mundo não o conheceu” (Jo. 1:10).....	13
Da academia filosófica grega ao círculo hermético da ciência moderna.....	14
O olhar do universo curva os caminhos do homem.....	16
<i>RESONANTIA-VERBUM</i>	18
Configuração originária da nova mente.....	18
REDESCOBRIMENTO DO LUGAR SAGRADO NO ESPAÇO DO MUNDO.....	20
Mysterium Templi.....	20
Transfiguração orgânica dos símbolos de poder.....	22
Da antropologia filosófica à egoência do ser.....	23
Giro no manejo da força: por princípio de ação interior.....	24
Ascensão da humanidade em corpo.....	26
EGOÊNCIA COMO FUNÇÃO: PONTO ZERO NA GALÁXIA HUMANA EM IN-PLOSAÇÃO.....	28
DA ANGÚSTIA EXISTENCIAL À MÍSTICA DO CORAÇÃO.....	30
Ao resgate da “pedra” rejeitada pelos construtores.....	31

JÁ NÃO TEMOS MAIS TEMPO.....	34
O ritmo intrínseco da lei marca a ordem sagrada do mundo.....	35
DA FILOSOFIA POLÍTICA À GEN-ÉTICA SOCIAL.....	37
O advento do sagrado irrompe hoje no mundo do homem sob o véu do sentido trágico da história.....	38
GEN-ÉTICA SOCIAL: FUNÇÕES, OFÍCIOS, FERRAMENTAS.....	41
DIMENSÃO SOCIAL DO <i>MYSTERIUM</i> <i>PARTICIPATIONIS</i>	44
SALTO GEN-ÉTICO POR REVERSIBILIDADE DE VALORES.....	46
RENÚNCIAMENTO: PALAVRA DE PASSE QUE MARCA O SENTIDO DA OBRA.....	49
FIM DO ISOLAMENTO CÓSMICO DO HOMEM.....	53
<i>INITIUM AD INFERUS</i>	57
EGOÊNCIA	60
EGOÊNCIA-FUNÇÃO.....	63
EGOÊNCIA-MÉTODO.....	66
EGOÊNCIA-TESTEMUNHO.....	70
BIBLIOGRAFIA CITADA.....	77

FUGA DE ACORDES, EM BUSCA DO A-CORDE

Participação, Reversibilidade, Renunciamento,
três palavras precursoras na Obra de
Re-construção do Templo.

Funções de ressonância cósmica no tecido orgânico
da Vida.

Egoência do Ser: chave *gen-ética* no caminho
do Homem.

Ascensão da humanidade em Corpo:
transfiguração social do Verbo.

É POSSÍVEL DAR NOME AO QUE AINDA NÃO TEM NOME?

Enfrentamos uma catástrofe cosmogônica.
Não lutam só os homens, também os deuses...
e os elementos.

Desabou a imagem do mundo.
Procuramos nosso próprio nome, antes de nascer!

Pre-sentimos uma morada que não existe.

...não havia ainda arbusto algum no campo, nem a
terra germinava ervas, por não haver ainda chovido
Deus sobre a Terra, nem haver ainda homem que a
lavrasse, nem vapor aquoso que subisse da terra
para regar toda a superfície cultivada (Gên. 2:5,6).

É inútil querer compreender o mundo de hoje, em função de
filosofia da história, sistemas de valores, teoria da ciência... Fomos
golpeados por Apoio! - como teria exclamado Hölderlin.

Quebrou-se a forma

Ruptura de simetria da matéria.

Descontinuidade do tempo histórico.

Caiu a Noite. Já não somos os mesmos. Deixamos de compreender
o mundo: fim das interpretações. Mas, antes do amanhecer,
vislumbramos no horizonte

Sinais A-nunciadores.

EGOÊNCIA: PALAVRA INTRADUZÍVEL

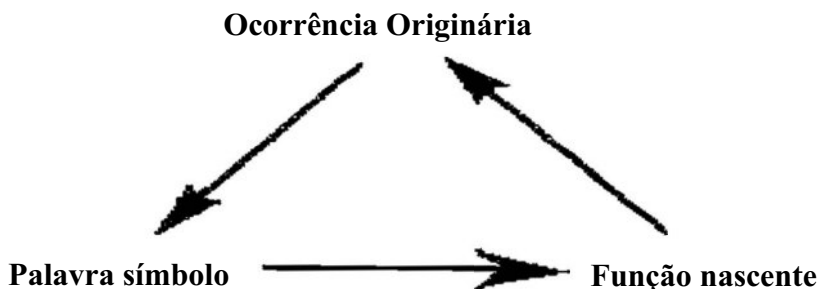
Voz que anuncia o fim do cativo.

Todos os grandes libertadores rasgaram o véu do templo, com sua palavra feita Verbo.

Egoência é, antes de mais nada, *acontecimento*-, ocorrência originária.

Palavra anterior: *palavra-símbolo* que é, antes que a palavra.

Fogo cósmico que ativa a egoência, enquanto *função-gen-ética*. De repente, encontramos-nos ante uma nova estrutura: uma geometria da vida.



Egoência:

A chave semântica não é a palavra como valor fundante de um novo sistema de valores, mas a vida nascente que se pro-nuncia a si mesma, com o poder *ontofânico* da palavra. “Jaa Torrano, em sua *Teogonia*, referindo-se ao canto das musas, diz que ‘este poder ontofânico da palavra perdura ainda hoje em nossa experiência poética... sendo o maior encanto da poesia, seu poder de iluminar um mundo que, sem ela, não existiria’ ”, afirma Roswita Kempf.

Poderíamos afirmar - para dizer de alguma maneira algo que resiste a ser dito - que *egoência* é uma “singularidade” na trama do tempo. Já na primeira edição de *Germes de Futuro no Homem* (1966),

ao tratar de caracterizar a ruptura de simetria do mundo interior do homem, eu fazia referência ao novo signo do tempo, que marcava o início da era por vir: “Se existe algo fundamental, que percebemos no mundo de hoje, é que o relógio cósmico marca uma hora diferente e a angústia existencial do homem moderno reflete, de algum modo, o ajuste de ritmo entre o tempo intrínseco da matéria viva e a radiação profética que se antecipa ao tempo da história”. Mas, isto não era fácil de entender, fracassava aqui a tentativa de transmissão conceitual e se abria um caminho completamente novo: ressonância por similitude. Não era questão de palavras, mas de expansão de consciência: que escapava ao marco das palavras. Em agosto de 1969, como introdução a uma série de conferências sobre a Egoência (publicadas como “La Egoencia dei Ser”), eu me apresentava ao auditório, dizendo: “Devo confessar-lhes que, apesar de haver escrito dois livros sobre “o despertar do homem novo”, não me é fácil falar do tema. É como se, ao querer comunicar-me com os senhores., tivesse que fazer de novo o esforço para traduzir em palavras a *vida* nova que quer surgir entre nós. Claro que *seria mais fácil para mim, repetir* os conceitos que eu mesmo desenvolvi em meus escritos, mas então, isso já não seria uma corrente de transmissão de *vida*, seriam lembranças fixadas no tempo. De modo que, este meio *verbal* (direto), que queremos pôr em jogo neste instante, tem justamente a intenção de podermos “sintonizar”: ressoar juntos com esse “novo” que quer manifestar-se entre nós. Tenho aqui algumas notas que me servirão de guia, mas o fundamental não são os conceitos ou as notas e sim, a “transmissão viva”.

Introduzimos o *tema* da “egoência”, pondo-nos à escuta da *nota* vibratória que precede a palavra.

A noite cósmica irrompe como mensagem secreta no coração

“Nota chave” da era que se inicia, A-corde fundamental de espírito-matéria, instante de iluminação, antes de nascer. Esta é a hora que hoje vivemos, sem compreender.

Nosso entendimento, nossa sensibilidade, nossas filosofias, nossos modelos científicos, todas estas formas do saber e do ser deixaram de compreender o mundo: mas a parte mais elevada e transcendente de

nossa alma pode operar como testemunha simples da gestação do novo mundo, antes de nascer, a alma do homem, como testemunha de iluminação divina, em meio à noite cósmica: “Quando ainda Deus não havia chovido sobre a Terra, nem havia ainda homem que a lavrasse, nem vapor aquoso que subisse da terra”.

Roçamos o umbral de um novo mistério: cosmogônico-histórico; a alma do homem, a chuva do céu, a força elemental da terra, entram em uma nova constelação criadora de signos: uma vez mais, no horto fechado da grande corrente cósmica da vida, florescerão os lírios do vale.

Muitos têm olhos que não veem e ouvidos que não ouvem. Não se traia de pedir a prova: “Se for o rei de Israel, que desça agora da cruz e acreditaremos nele” (Mt. 27:42). Não se trata de procurar um rei que abrigue nosso sonho nem de fabricar um mundo à nossa imagem e semelhança; tampouco se trata de ser testemunho de crença, mas testemunho de ser.

Testemunho de ser:

chave da egoência do Ser.

Voltamos a tropeçar com uma figura intraduzível da linguagem: abandonamos aqui o terreno da metafísica, para tentar dar palavra a um novo *estado* da matéria.

Talvez os mestres Zen, através de disciplinas práticas, não tenham procurado outra coisa mais que quebrar os moldes habituais de interpretação do mundo e assinalar a seus discípulos o caminho de acesso a uma essência real, que transcenda as formas da mente objetiva. Se bem que a egoência não seja Zen, participa com o Zen, do salto abrupto da consciência comum para a liberdade originária do espírito.

A sombra do antigo éon oculta a luz que ingressa

Há excesso de informação, falta olho; os astronautas penetraram no espaço cósmico, mas não encontraram ninguém. Dito de outro modo: a consciência especulativa, a consciência crítica, toda essa parafernália fisiológico-técnica de interpretação do mundo, não nos permite reconhecer o sorriso da criança, antes de nascer. Quando

acreditávamos haver alcançado um cume evolutivo, de repente tropeçamos com a crise de nossos próprios instrumentos. Ou será que nasceu uma nova consciência que ainda não desenvolveu um instrumento adequado de expressão?

Já pela década de 60, Jean Gebser, em sua obra *Ursprung und Gegenwart* (“Origem e Presente”), anunciava o despertar de uma consciência nova (“integral consciousness”), de alcance universal, à qual conferia especial significação para o destino da Ásia e do Ocidente, como polos complementares de uma mesma cultura global. Em um trabalho publicado na revista *Main Currents*, Gebser, referindo-se a esse acontecimento, diz o seguinte: “A originalidade dessa Consciência Integral jaz no fato de que, de nenhum modo, baseia-se sobre o incremento do conhecimento intelectual, o qual pode ser mal compreendido ou mal aplicado. A nova consciência não tem nada a ver com esse conhecimento; seu caráter se deriva de valores espirituais e não de valores puramente intelectuais”. E, quando tenta precisar a forma desta originária constelação de consciência, deve reconhecer que “é difícil encontrar o nome apropriado para algo novo”. Na mesma época (década de 70), um pensador estadunidense de vanguarda, Charles Reich, querendo caracterizar de alguma maneira a onda de expansão de consciência jovem que percorria o mundo, chamá-la-ia de “Consciência HI”. Como interpretava Reich - professor em leis da Universidade de Yale - o início do que ele chamava de “revolução da nova geração”? Ouçamos o próprio Reich, em seu *Ihe Greening of América*: “Começando com uns poucos indivíduos, em meados dos anos 60, e reunindo um número cada vez maior depois, a Consciência IU brotou, surpreendente e milagrosamente, no duro solo do “Estado Corporativo” americano (Consciência II). Tão espontânea foi sua aparição que ninguém, nem mesmo o mais astuto ou o mais radical, pressentiu o que estava chegando ou o reconheceu no momento em que chegou. Não é de estranhar que muita gente pensasse em uma conspiração, visto que se expandisse, aqui e no estrangeiro, por meios invisíveis. Muito menos os da antiga geração, o FBI ou os sociólogos, conhecem muito acerca disso - visto que a linguagem e pensamento da Consciência IU são tão diferentes da Consciência II, a ponto de tomá-los um indecifrável código secreto. A Consciência HI é, como este escrito, o maior segredo na América, ainda que seus membros tenham gritado tão fortemente como puderam, para fazer-se ouvir”.

“Aperspectiva” (Gebser), “Consciência IIF (Charles Reich), “Kehre” (toma), “Ereignis” (acontecimento propício) - em termos de Heidegger, o importante não são as palavras, mas o fato; trata-se de dar voz a uma *singularidade*-, acontecimento mais interior que exterior, e que transcende os marcos psicológicos, metafísicos e sociais, de interpretação dessa singularidade. Mas, o que é uma “singularidade”? Voltamos a tropeçar com as limitações da linguagem. Os cosmólogos nos dizem que singularidade é um “ponto” no centro do horizonte de eventos, onde todas as leis da física vêm abaixo, inclusive o espaço-tempo. Na física subatômica, esse “ponto” ou “estado singular” é de dimensão depreciable frente à energia que ele permite liberar - e os próprios físicos, querendo explicar por analogia sua imensa potencialidade, dizem: “Uma só palavra pode desencadear uma revolução, uma guerra, etc.”.

A consciência pro-fética da nova era
irrompeu no mundo, como raio
que incendeia a pradaria

Partiram-se as águas, bifurcaram-se os caminhos.

Houve (há) guerra de mundos
e canto de recém nascidos.

Jean Baudrillard retoma o tema da “singularidade”, como ponto crítico de reversibilidade que, de alguma maneira, opera como polo inverso e complementar de um sistema global, condenado à entropia e uma sociedade global “que faz massa”; singularidade, diz Baudrillard, “que já não é individual, nem obra de um sujeito determinado, mas uma ruptura, uma quebra. Pode proceder de um homem, de um grupo, de um acidente, do próprio sistema. É uma anomalia que adquire força no conjunto indiferenciado do sistema”, diz Baudrillard, em *El Paroxista Indiferente*.

Egoência, singularidade/expansiva: rotação de signo.

“Estava no mundo... mas o mundo não o conheceu” (Jo. 1:10)

Tentamos reconhecer as correntes das águas, que abrem caminho em meio às águas. O pensamento se detém aqui e “retrocede”, em busca da fonte onde brota o rio da vida: tento escutar o que, neste mesmo instante, se antecipa ao pensar. Uma nova consciência-sensibilidade circula pelos canais invisíveis do corpo orgânico da humanidade, mas os antigos sensores dificilmente chegam a reconhecer a nova mensagem do espírito: “Porque ainda não havia chovido Deus sobre a Terra nem havia vapor aquoso que subisse da terra”.

Não se trata de teoria da evolução, metafísica da metafísica, revolução tecnológica, teologia da libertação. Trata-se de algo mais profundo: drama cosmogônico, representado em um novo cenário social.

Chuva que desce do céu,

vapor aquoso que sobe da terra...
para dar vida à transfiguração do homem.

Gênese por In-plosão, pulso de consciência cósmica no seio da matéria humana, nova geometria da vida, “germe” de futuro no homem: estava no mundo, mas o mundo não o reconheceu. Mas, o que é o “mundo”, nesta constelação de forças do céu, do homem e da terra? Esse *mundo* é a “massa crítica” de todo o ciclo histórico que se fecha (éon de Peixes): a massa crítica do inconsciente coletivo e da própria personalidade do homem tecnorracional que faz a massa. O novo signo do tempo se anuncia a si mesmo como nascimento de consciência-energia, por ruptura de simetria da massa crítica do antigo mundo: a explosão atômica viria a ser o equivalente simbólico, no mundo físico, de uma in-plosão complementar, nos níveis mais profundos da consciência humana.

Ruptura de simetria,
relação de complementaridade,
ritmo analógico...
entre a singularidade nascente (egoência do Ser)

e a massa residual (entropia) do mundo
da antiga lei.

Essa nova consciência, essa “ressonância” da vida humana, entre as luzes do céu e os abismos da terra, não surge como uma mensagem ideológica determinada, mas como *estado* da matéria que responde a um princípio de incerteza: não se sabe se persistirá como protótipo de uma nova estrela sobre a Terra ou se será devorado pela antiga terra que o viu nascer. O germe recém nascido pode ser devorado pelo sistema informático da sociedade técnica, pelas grandes organizações “que fazem massa” (Baudrillard) ou pelos próprios pais e irmãos que o viram nascer: tudo pode ser devorado pela sociedade de consumo. O raio que cai sobre a terra quebra os moldes sociais, derruba as paredes de pedra dos templos espirituais, desintegra os resíduos magnéticos da história; cai a imagem do mundo e o homem se toma estranho para o homem: desamparo cósmico. “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” (Mt 12:48).

Da academia filosófica grega ao círculo hermético da ciência moderna

Salto qualitativo nos altos cumes da inteligência: do *logos* racional, à intuição intelectual. Na *Escola de Atenas*, Rafael pinta com mão mestra os rostos e gestos dos representantes essenciais de um desses momentos fundacionais, na história do pensamento humano. Ouçamos Édouard Schuré, em sua inspirada obra *Os Profetas do Renascimento*: “Respira-se aprazivelmente sob este grandioso pórtico de altos arcos e profundas arcadas. É admirável a intuição metafísica do pintor humanista que localizou, no centro de sua composição, acima de todos os demais filósofos, o chefe da Academia e o do Liceu. Com seu dedo erguido, Platão, majestoso ancião, aponta para o céu; enquanto que o jovem Aristóteles indica a terra com um gesto enérgico. Ambos dizem: Ali está a verdade! E ambos têm razão. Abriram a discussão que seus sucessores continuarão, até o fim dos tempos... Em tomo deles, agrupam-se, sentados ou de pé e ao longo das balaustradas do nobre edifício, Heráclito, Pitágoras, Arquimedes e Sócrates... Todos pensam e expressam, discutem e demonstram, mas com mesura e sem violência. No sobre-humano templo no qual se encontram, estes

investigadores compreenderam que a verdade é mais vasta que seu sistema”. E, que podemos dizer nós agora, vinte e cinco séculos depois, em outra curva da história? Em outro templo do saber, sob outro pórtico e inspirados por outras Musas, Einstein aponta para cima, para o macrocosmos, para o contínuo espaço-tempo; e Planck aponta para baixo, para o descontínuo microfísico, para a quantificação da energia; em tomo deles, falam, discutem, experimentam, Bohr, Heisenberg, de Broglie, Schrödinger, Pauli, Dirac, Fermi... todos eles em busca da equação unificada do universo (mas, o tempo ainda não era chegado). A vida resistia a ser enquadrada, sem mais, nas equações cosmológicas de espaço-tempo-massa. E, ao chegar a este ponto de interrogação na história do pensamento científico, um novo protagonista vem reunir-se em tomo dos primeiros companheiros dos pais fundadores: Eya Prigogine.

Prigogine descobre outro mundo e formula as leis desse mundo: “Em certos pontos de instabilidade dos sistemas viventes, surgem novas estruturas dinâmicas (*estruturas dissipativas*)”, fica aberto o caminho para a “termodinâmica de não equilíbrio”: flutuações críticas em pontos de bifurcação, relógios químicos, transições da desordem à ordem, seta do tempo. Prigogine põe a descoberto, em sua investigação, o “tempo intrínseco” da matéria e a “ruptura de simetria” entre passado e futuro; novo modo de pensar o mundo e a história: “a matéria, em condições afastadas do equilíbrio termodinâmico, adquire basicamente novas propriedades”. A pergunta que Prigogine formula para a natureza pode ser resumida nos seguintes termos: quais são as condições que levam à degradação da energia, ao envelhecimento, à morte térmica; e, qual é o umbral crítico no qual, pelo contrário, pode dar-se o nascimento do novo? E a natureza lhe responde, pelo menos em parte, em linguagem técnico-matemática. Em outro tempo, em outro contexto, outro investigador nas leis profundas da vida - principal entre os judeus, mestre em Israel - proferia uma pergunta semelhante: “Como pode o homem nascer, sendo velho?” (Jo. 3:4). E a Sabedoria responde com um paradoxo: “É preciso nascer de novo” (Jo. 3:4,7).

A explosão do *novo* escapa
às formulações matemáticas das ciências,
às reflexões da filosofia da história,
ao marco simbólico do pensamento.

Mas, uma nova mente ilumina hoje os caminhos do homem: o novo instrumento de investigação reúne (por reversibilidade de valores) o caminho do conhecimento e o caminho da vida, a luz da inteligência e o fogo do coração; a nova mente já fez irrupção no mundo (ordenando o mundo), mas o mundo não a reconhece ainda.

O olhar do universo curva os caminhos do homem

Uma mente cósmica marca o ritmo da história na era que se inicia: convergência de forças da vida, até agora não pensada. Primeiras cintilações de uma nova mente. Dito de outro modo, Einstein, no começo do século, exclama com júbilo: “Uma resplandecente luz se fez dentro de mim”. É Einstein quem pergunta pelo universo ou é o universo que pergunta por Einstein? A antiga mente racional não pode resolver este dilema. Não se trata de novos descobrimentos no campo da investigação: a nova mente ilumina o que é preciso investigar. “Já não vivemos no mundo unitário de Parmênides nem no mundo fragmentado dos atomistas”, diz Prigogine em uma conferência ditada na Universidade de Stanford (Estados Unidos). “É a coexistência destes dois níveis de descrição o que nos aproxima da conflitiva situação que percebemos nas ciências e, inclusive, em nossas próprias vidas”, afirma em *Tão Só Uma Ilusão?*.

A antiga mente, o *logos* grego, com sua teoria da ciência, sua metafísica do espírito, sua filosofia da história, encontrou-se sem resposta para interpretar o mundo, ante a ruptura de simetria da própria mente: a partir daqui, as crianças ensinam os pais.

Hoje, não temos uma saga ou mito cosmogônico que nos relate, em linguagem simbólica, este acontecimento-cerimonial de transfiguração do homem, na fronteira crítica de trânsito entre o céu e a terra; quero dizer que não temos, como os antigos maias, um *Popol Vuh* que nos fale dos “homens de madeira”, dos “homens de milho” e daqueles outros “que não tiveram nem pai nem mãe e simplesmente foram formados pelos Engendrades e Procriadores, com seu poder e sua ciência”; não temos um “mito de Prometeu” que nos fale do roubo do fogo sagrado aos deuses, para entregá-lo aos homens. A única coisa que temos para transpor, pelo menos teoricamente, é a brecha genética aberta no mundo, entre a teoria da evolução e a genética evolutiva (ambos instrumentos inadequados).

Voltemos a Gebser, a sua obra *Ursprung und Gegenwart* e ao artigo “The Foundations of the Aperspective World”. Jean Gebser, depois de passar revista nas diferentes “estruturas de consciência” que podem ser observadas no desenvolvimento antropológico-histórico do homem, detecta um acontecimento específico de transformação do mundo de nosso tempo, o qual designa com o nome de “mutação na consciência da humanidade”. Rejeita os termos “evolução” e “progresso”, os quais considera inadequados, e prefere a ideia de “salto quântico” para passar do antigo mundo “perspectivo” à nova dimensão “aperspectiva”. Porém, cuida-se de caracterizar o espaço recém aberto: “Não podemos formar nenhuma ideia deste mundo aperspectivo: porque transcende nossas próprias ideias”. Quanto à genética evolutiva, centrada no marco teórico da “seleção natural”, essa teoria da ciência moderna nos leva à “Terra antes da vida”, à “crise energética” que a “sopa primordial” teve de enfrentar, à influência da “radiação energética sobre a matéria” na produção das primeiras moléculas “orgânicas” e a evolução e a complexidade dessas moléculas, em formas mais elevadas de vida: transformação evolutiva do ADN, distâncias genéticas entre as espécies, mutações, deriva de genes... mas nem uma só palavra para um possível salto antropológico, em ressonância com a consciência cósmica.

A nova mente impõe novo ritmo
aos “relógios moleculares”:

ritmo analógico que os antigos relógios químicos
não podem marcar.

O olhar do universo curva hoje os caminhos do homem, mas o homem do antigo éon continua obstinado, caminhando em linha reta: abriu-se uma brecha *gen-ética*.

RESONANTIA-VERBUM

Configuração originária da nova mente

A nova geração responde à Vida com *sua* própria vida: para além do êxito ou do fracasso. É possível detectar alguns traços desta nascente alvorada? De acordo com Charles Reich, a “geração da bomba” deveu enfrentar-se com uma insegurança radical, transmitida pelo próprio sistema em crise, “insegurança cósmica que aguça sua consciência e os atrai a sentirem-se juntos” (Prigogine fala de “atratores”). A partir deste incêndio inicial da consciência, o novo fenómeno humano se expande por “conversão”; de repente, o jovem muda seu estilo de vida: é um “converso”, pertence a outro mundo e reconhece seus novos companheiros por poder de similitude. “A geração mais jovem começa a reconhecer-se a si mesma como *geração*” (Reich). E, surge aqui uma pergunta: a mente de Einstein - que traça as fórmulas de poder que conduzem à “bomba” - e a mente dos “filhos da bomba” - que quebra a simetria da Consciência II (a pedra na qual se fundam os valores do “Estado corporativo”) - os dois aspectos do novo signo do tempo constituem acaso, uma mesma mente? Eu diria que sim (ainda que não na mesma medida nem no mesmo nível de desenvolvimento); uma mesma “nota” vibratória subjacente configura os movimentos da alma: ressonância cósmica. Não se trata de conversão ideológica, política, religiosa, mas de um *novo estado da matéria* que “enlaça”, em uma mesma unidade de sentido, os altos cumes da inteligência e os profundos abismos da vida: esse estado de consciência expansiva (*wholeness*) se expressa em Einstein como sentimento de “religiosidade cósmica”; e, na nova geração, como in-pulso de “comunidade”:

Um *in-pulso* de nova energia
penetra em todas as formas da cultura:
desde a música, o canto, a dança,
até o método científico,
os circuitos cibernéticos da técnica,
o coro litúrgico da mística.

De onde procede esta corrente de “nova energia”? Da mente dos pais fundadores da ciência moderna, da liberação da energia sexual, do poder tecnológico, da liberação da energia atômica, da reserva de energia das comunidades místicas, do sacrifício cotidiano dos inocentes? A mente objetiva se perde no teatro das sombras e no labirinto das interpretações. Mas, quando voltamos o olhar, da inteligência ilustrada ao ouvido do sentir profundo, percebemos que um “canto” originário se interiorizou na matéria do mundo: *resonantia-Verbum*, que escapa ao espaço de representação da antiga mente. Há acaso algum outro espaço que não seja o das ideias, do tempo, dos caminhos do tempo, das formas de vida? Sim, há um espaço essencial, uma morada de não representação.

Hiperespaço,
onde as vozes do céu, do homem, da terra
falam a mesma Língua.

Egoência: morada interior, câmara da Rainha, onde ressoa o “nome próprio”.

REDESCOBRIMENTO DO LUGAR SAGRADO NO ESPAÇO DO MUNDO

*Que terrível é este lugar!
Não é senão a casa de Deus
e a porta dos céus.
Gên. 28:17*

Mysterium Templi

A tradição espiritual nos traz a lembrança de um espaço de *teofania*-. Voz divina no cume do Sinai; espaço de *hierofania*-, palavra sacerdotal de transfiguração no monte alto; espaço de ação *sacrificial*-. Abraão oferta seu filho Isaac em holocausto, também em um lugar alto. Três dimensões do espaço sagrado, em uma mesma liturgia de interiorização de todos os símbolos:

Teofania

Hierofânia

Holocausto

Tudo isto parece muito distante, pertencente ao *Mysterium* de antigas iniciações. Conhecemos o Templo, a expulsão dos mercadores do templo e a destruição do templo. Hoje, assistimos a uma segunda catástrofe: o homem moderno não só perdeu seu lugar no mundo, senão que ficou exposto à intempérie cósmica. Até ontem somente, talvez até 1968, acreditávamos que podíamos transformar o mundo; havia um modelo alternativo, uma promessa: a nova ciência, a energia atômica, a revolução social, a liberação cultural, a expansão de consciência espiritual da juventude; uma nova estrela havia aparecido no horizonte da história: os “magos” a viram, mas também Herodes. E se desencadearam forças do céu, do homem, dos abismos subterrâneos, jamais sonhadas. Quando hoje despertamos do sonho, exclamamos surpresos, como Jacó:

que terrível é este lugar!

Em *The Greening of América*, a visão de Charles Reich sobre o sentido revolucionário da nova consciência (“Consciência HI”) foi demasiado romântica: “Há uma revolução que vem. Não será como as revoluções do passado. Começará com o indivíduo e a cultura, e só mudará a estrutura política como seu ato final. Não requererá violência para triunfar e não se poderá resistir a ela com êxito, através da violência. Esta é a revolução da nova geração”. Eu diria: era só a metade da fórmula; faltava a experiência do “horror” (a outra metade). Faltava o horror do terrorismo de Estado, a repressão violenta da juventude, a tortura, os campos de concentração... faltavam os desaparecidos, o sequestro de crianças nascidas em cativeiro: a consigna era aniquilar até o último rebento daquela “revolução da consciência”, que Charles Reich anunciava para o porvir da América. A vontade de poder do “Estado corporativo-Consciência II” não ia permitir que o novo germe nascente, da nova concepção do mundo, se arraigasse na terra dos antigos deuses. Já desde o começo do século, com as primeiras lutas operárias pela justiça social, havia sido iniciada uma onda de selvagem repressão, que iria em aumento com o correr do tempo e varreria com todo germe qualificado de “subversivo” pelos censores do sistema: assassinaram Gandhi, Luther King, John Lennon, fuzilaram o Che na Bolívia, cortaram as mãos do cadáver de Perón, profanaram o cadáver de Evita... Porém, a guerra política (se pudermos chamá-la assim) não seria o último ato no drama sacro de domínio da terra. Por que digo “sacro”? Não nos adiantemos.

A vontade de domínio político e econômico
dos grupos humanos de poder
veio, cedo, a ser superada e assimilada
pela liberação de um poder superior (mais que humano):
o poder autônomo da técnica.

E, ao holocausto dos desaparecidos e mortos em cativeiro, veio acrescentar-se o holocausto dos desempregados, dos desamparados, das crianças lançadas ao lixo: exclusão social em massa. Morríamos, pela segunda vez, no cativeiro: que terrível é este lugar!

Transfiguração orgânica dos símbolos de poder

Não se trata de procurar culpados. Como Ezequiel em meio aos cativos, fomos arrebatados por um “redemoinho de fogo” e transferidos a um *estado-templunr*, aqui, a compreensão é outra, as leis são outras, é outro o jogo das forças da vida: o forte vento que sopra do deserto fez girar em sentido inverso o sentido da história. De repente, as coisas, os acontecimentos, as construções do espírito, todo o universo de símbolos muda de destino: o rio do tempo desemboca em outro lugar.

Sem dar-nos conta,
os signos de poder da sociedade planetizada
foram interiorizados
em centros orgânicos de força:
fisiologia humana de antecipação.

Enquanto, por fora, o tomado cósmico derruba, uma e outra vez, os frutos da Árvore do Conhecimento, por dentro, o mesmo “redemoinho de fogo” faz florescer a Árvore da Vida: novo código da Lei.

Ao cérebro eletrônico, por fora,
corresponde um coração A-tômico, por dentro.

Como se manifesta no homem esta reversão da força, no contexto histórico do novo signo do tempo?

Por reversibilidade de valores, no espaço interior da vida!

O mesmo “redemoinho de fogo” que ilumina a alma de Einstein (“uma resplandecente luz se fez dentro de mim”) e que o leva a formular as leis relativísticas da nova física, em contraposição às equações da física clássica - o mesmo “raio de Apoio que golpeia o homem” - fez girar o pensamento de Heidegger, em direção à fonte de sentido do ser (“Die Kehre”) e o leva a reformular a essência da metafísica, em contraposição à ontologia fundamental da metafísica clássica. De uma ou de outra maneira e com diferentes linguagens, ambos pensadores descobrem o ponto crítico de “retorno da força”: nota chave do ritmo de reversibilidade de valores da nova mente. De qualquer modo, nem desde a nova física nem desde a nova metafísica é possível aceder à nova fisiologia; isto é, ao conhecimento das

“funções nascentes” que antecipam o novo lugar do homem no mundo:

funções nascentes
que amanhã serão órgãos.

Gênese por In-plosão: “germe” de novas dimensões da vida.

Da antropologia filosófica à egoência do ser

Nem desde a física, nem desde a metafísica, nem desde a antropologia... colapso da pergunta pelo homem e pelo lugar do homem no mundo: ruptura da forma que opera como fundamento da pergunta.

Egoência é palavra símbolo: um modo de nomear a experiência acontecida; a mensagem procede da experiência, não da palavra. Mas então, por que a palavra? Porque na experiência, o “ego” fica tocado e, desde o fundo sem fundo do ser, a alma Mater volta a pronunciar o mundo com os materiais de demolição do antigo templo. Qual é o destino do ego, depois da experiência do *satorfl*, perguntam os discípulos do Zen. Não existe esse ego, respondem os mestres. Voltando a “The Integral Consciousness”, quando Jean Gebser quer caracterizar metafisicamente a “aurora desta nova consciência”, sente-se obrigado a reconhecer que o novo estado de consciência transcende as categorias absolutas de afirmação ou negação do ego: “Trata-se de um novo desenvolvimento da consciência” *{newly-urfolding}*, livre de ataduras. Tanto para *egoness*, quanto para *egolessness*, configurando um novo estado que “deliberadamente integra os dois estados”. Quando isto é conseguido pelo indivíduo, ocorre algo muito significativo, efetivamente salvador”. Até aqui, o testemunho de Gebser. E agora, eu me pergunto: o nascimento desta nova consciência é um fenômeno psicológico, uma intuição metafísica, uma ruptura psicossocial, uma experiência mística ou é um acontecimento de in-plosão de consciência cósmica na matéria humana, cuja originariedade escapa aos modelos conceituais de interpretação do mundo?

Egoência é palavra-símbolo;
aqui, o “ego” que deixou de ser,
enquanto consciência objetiva,
volta a ser, enquanto “ponto-sem ponto”
de reversibilidade de valores.

Diferentemente do budismo (pelo menos de suas interpretações), o “estado de egoência” preserva o ponto “material” de enraizamento reversível do espírito, nas moléculas da vida. E volta a minha memória, a mensagem das antigas iniciações da pedra: “Fere a rocha e dela sairá água para que o povo beba” (Êx. 17:6).

Este “ferir a rocha” é a ação litúrgica (se me for permitida esta expressão simbólica) que marca o *salto* da concepção filosófica da antropologia racional à dimensão *gen-ética* da egoência do Ser.

Giro no manejo da força: por princípio de ação interior

O antigo ciclo evolutivo da humanidade se fecha com um profundo sentimento de desamparo: não só social, também cósmico. Dito de outro modo: fecham-se as fontes “providenciais” de onde provinha o impulso anímico de bem estar e renovação espiritual da vida. Não é estranho que a mesma ideia de “providência”, cunhada pela tradição dos diferentes povos da Terra, venha hoje a ser questionada (e ainda mais, substituída) pela vontade de poder da era técnica. Mas hoje, no final deste grande ciclo que se fecha, viemos a dar-nos conta de que a Técnica não é a Mãe que alimenta providencialmente seus filhos, mas a Deusa que, através dos bens ilusórios que oferece, devora os filhos que ficaram sem Mãe.

Os pensadores modernos do “fim da história”,
cada um com sua própria linguagem,
puseram a descoberto a perda deste
circuito “matricial”
que opera silenciosamente
como sustento-providencial da vida.

E a mente ilustrada pergunta: “Bem, mas definitivamente, o que é que foi perdido?”.

“Perda da imagem do mundo”, diz Octavio Paz em *Los Signos en Rotación*. “Dispersão do homem, errante em um espaço que também se dispersa... hoje, não estamos sós no mundo: não há mundo”, afirma o mesmo autor em *El Arco y la Lira*. Em *El Paroxista Indiferente*, Jean Baudrillard é ainda mais radical: “Já não é o humano o que pensa o mundo. Na atualidade, o que nos pensa é o inumano”. Qual é o sentido desta “perda da imagem do mundo”, desta “dispersão do homem em um espaço que também se dispersa”, desta irrupção do “inumano que pensa o humano”? Não se trata de apelar para a filosofia da história, porque nesta etapa de “errância”, não só o homem perdeu sua sombra, mas também a história perdeu suas pegadas. Trata-se de poder descobrir a imensa potencialidade da “energia do fim”, a energia negativa dos acontecimentos, a mensagem secreta do desamparo cósmico: “Mãe, por que me abandonaste?”.

A casa do homem ficou sem sustento,
caíram as antigas leis de amparo...

mas ao chegar ao limite da obscuridade da luz,
as forças da vida giram por dentro.

Egoência não é uma nova ideia, um novo paradigma científico, um novo sistema filosófico... Não é algo que haja que explicar. É o ritmo in-sonoro de uma nova lei: ou a reversibilidade da mesma lei.

Toda tentativa de pensar a “egoência” em termos de metafísica, como determinado modo de ser, já seja como ideia, representação de individualidade, vontade de poder, qualquer destas formas de intelecção fundamental nos fecha o caminho à egoência do Ser. Mas, quando no limite (ao extremo) da pergunta pelo ser, prestamos ouvidos à corrente da vida que gira por dentro, desde o seio desta “interioridade”, surge uma voz que nos assinala um novo lugar no mundo. Como seria essa “voz”? É como a voz que Elias escutou na cova do monte Horeb: “O que fazes aqui, Elias?... sai fora e põe-te no monte, ante Yahvé. E eis aqui, que Yahvé passará. Diante dele passou um vento forte e poderoso que rompia os montes e quebrava as penhas; mas, não estava Yahvé no vento. E veio depois do vento um terremoto, mas não estava Yahvé no terremoto. E veio depois do terremoto um fogo, mas não estava Yahvé no fogo. Depois do fogo,

veio um ligeiro e suave sussurro. Quando Elias o ouviu, cobriu o rosto com seu manto e, saindo, pôs-se em pé à entrada da caverna, e ouviu uma voz que lhe dirigia estas palavras: O que fazes aqui, Elias?” (I Reis 19:8,13).

Volto sobre a egoência, mas agora não pergunto pelo “ser” e sim, pelo “acontecer” (que é como perguntar pelo “lugar” e o “sentido” do acontecer).

Não está no vento.

Não está no terremoto.

Não está no fogo.

Mas há um lugar, um *aqui*, onde um “ligeiro e suave sussurro divino” pode interpelar o homem pelo sentido de sua existência: “O que fezes “aqui”, Elias?”; e o chama pelo nome próprio: início de interlocução humano/divina que abre o caminho à egoência do Ser.

Ascensão da humanidade em corpo

Contemplo o majestoso voo do condor: não há artefato técnico criado pelo homem que possa imitá-lo. Qual é seu segredo? Não voa somente com sua própria energia animal; através das antenas de suas asas e de seu rabo, circula outro tipo de energia: funções de ressonância cósmica, ainda desconhecidas pela ciência moderna.

Pre-sentimos uma transfiguração da vida na matéria desestabilizada do antigo corpo: oferenda da natureza humana a uma nova epifania do espírito. Em outro tempo, em remotos éons sem história, foi a oferenda da natureza elemental para que o homem pudesse erguer-se sobre a Terra e construir a história. Hoje, é o homem com seu corpo feito de limo da terra, que é chamado pelos deuses ao altar do sacrifício para con-figurar (com eles) um novo Corpo de espírito-matéria que possa sobrevoar a Terra. A corrida do espaço é só a face externa, a face técnica, deste gigantesco movimento de “interiorização” de símbolos de poder que hoje está se realizando na câmara secreta do coração.

Sacrifício coletivo da humanidade
que precede a chegada do Senhor.

É preciso preparar uma “matéria humana” para .Sua veste: matriz supercondutora da luz.

A “nota chave” de transfiguração do mundo,
proferida no monte alto: Teofania,
entoada pelo coro unissônico do *temphim*-. Hierofania,
ressoa como “nota sacrificial” na matéria dos “condenados
da Terra”: Holocausto.

E, outra vez, a pergunta: por que holocausto? Porque uma vez mais, no final de um grande ciclo cosmogônico que se fecha, *todos* viemos a ser “condenados da Terra”; o que foi dito à serpente, parece que vem a ser ihto ao homem: “Arrastar-te-ás sobre teu peito...” (Gên. 3:14). “Todos” quer dizer, neste contexto, os vivos e os mortos, os que pertencem ao sistema e aqueles que foram expulsos do sistema, os réprobos e também os eleitos. Porque não se trata de salvar tais ou quais valores humanos, do bem ou do mal, da direita ou da esquerda, de cima ou de baixo, do espírito ou da matéria: trata-se de salvar o homem, de criar as condições para que o homem seja simplesmente homem (não só carne nem máquina).

A elevação da humanidade “em Corpo” não é uma utopia espiritual (uma Jerusalém Celeste), nem uma construção material (as plataformas espaciais habitadas são apenas prelúdio técnico do lar cósmico): sinto que a Serpente Emplumada ascende pelos canais invisíveis de meu próprio corpo, levando ao espaço sagrado do novo ciclo histórico, a matéria transmutada da antiga Terra.

EGOÊNCIA COMO FUNÇÃO: PONTO ZERO NA GALÁXIA HUMANA EM IN-PLOÇÃO

Vivemos em um mundo de imagens que vêm a nosso encontro: tomado que nos tira do mundo, antes que tenhamos tempo de perguntar-nos por nosso verdadeiro nome. Até não faz muito tempo, ainda podíamos manter nossa “identidade”, em função de nosso papel no mundo (*role playing*): pelo ofício, o cargo, a representação, os símbolos e atributos de poder. Ainda até o final do século XIX, o mundo conservava certa coerência, preservava sua figura arquetípica e o homem ainda podia sonhar seu destino, sob o amparo maternal do céu estrelado. Hoje, as coisas são diferentes: por fora, o universo corre velozmente em expansão (fuga de galáxias no céu cosmológico), mas por dentro, a galáxia humana volta-se sobre si mesma, em In-ploção. Já não estou tão seguro. “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” Ninguém responde!

Fechou-se a cortina,
apagaram-se as luzes,
o teatro ficou vazio...

pela primeira vez, escuto-me a mim mesmo,
pronunciando meu próprio nome.

Digo “pela primeira vez” porque nunca antes o havia ouvido: é um nome ou uma força? Ou é meu próprio “som”, meu próprio tom, minha própria nota-chave vibrando entre a multidão de sons, tons e notas do universo e da vida? Toda tentativa de querer enquadrar esta experiência de ressonância íntima (eu diria “musical”), dentro dos cânones do *logos* filosófico-metafísico, leva-me ao desvio da própria essência daquilo que se oculta no exato instante de ser-acontecido.

Se, para dar um nome que caracterize esta “in-ploção/expansiva” da vida humana, utilizei o termo “egoência”, quero esclarecer que esta palavra não opera explicando a *resonantia-Verbum* por derivação etimo/ógrca, mas aproximando-se dessa ressonância como símbolo yonético (pelo menos em espanhol). Dito de outro modo: falar de “egoência” é marcar uma estrutura/dinâmica *inicial*, uma função da

vida inteiramente nova que irrompe vibratoriamente no mundo por ruptura de simetria da antiga forma: uma voz que, surgida das catacumbas da alma, faz explodir a taça dos deuses do Império.

A antiga forma se havia tomado contrária à vida... “Só ao preço de uma incrível exclusão, de um “crime perfeito”, está o mundo se consolidando e homogeneizando, é a vitória do imperador, monopolizando tudo à sua imagem”, diz Baudrillard em *El Paroxista Indiferente*. A resposta a este brutal desafio já não vem pelo caminho da ação revolucionária, mas desde o poder de transfiguração social do Verbo.

O trânsito da antiga forma
de domínio do mundo
para a nova forma
de transfiguração da vida
se realiza através de um “ponto zero” de ação interior:
giro da força.

DA ANGÚSTIA EXISTENCIAL Ã MÍSTICA DO CORAÇÃO

Como se passa de um estado a outro?

Nem a teoria da ciência, nem o pensamento filosófico, nem a metafísica do “ser” ou do “não-ser”, nenhuma destas formas sistemáticas do entendimento humano pôde entrar em cheio no círculo hermético da vida. Dito de outro modo: a chamada “teoria do conhecimento” não pôde transcender as contradições internas do próprio instrumento que constrói a teoria.

Como atua a vontade do homem, ante o mandato do Céu e o poder das forças elementais da Terra?

A vontade de poder, desvinculada da consciência de Ser, levou-nos a um beco sem saída: já não somente para “conquistar o mundo e perder a alma”, mas para perder o mundo (hoje, já não existe esse mundo) e degradar a vida. Para a consciência nascente, para o ritmo analógico da egoência do Ser, a chave simbólica de transfiguração do homem não passa pela dialética dos opostos, mas pela reversibilidade de valores: transposição *gen-ética*. A *palavra inicial* de poder não é aqui “transformar o mundo” e sim, “reconstruir o Templo”. Mas, que papei desempenha o homem nesta liturgia de Re-construção do Templo? As doutrinas filosóficas, políticas, tecnológicas, centradas na vontade autônoma de poder, não só não dão resposta à pergunta pela Re-construção do Templo, senão que podem servir de base teórica para legitimar o poder arbitrário dos mercadores do templo. Nem o materialismo dialético nem o espiritualismo místico puderam traçar a ponte entre os valores da alma e a química da vida. Mas, e as fórmulas de campo unificado da ciência? Um passo adiante (e acima) no caminho do conhecimento, mas só “a metade da fórmula”.

A mística do Coração é outra coisa:

é a interiorização *orgânica* do Templo,
o proferir (por parte do homem)
das funções sagradas da vida.

Aqui, na câmara secreta do coração de carne, já não é a antiga ciência ensinando o homem, mas o próprio Verbo transfigurado na

nova ciência do homem. Hoje, como ontem, os jovens sábios ensinam os doutores da lei: “Depois de três dias, encontraram-no no templo, em meio aos doutores, ouvindo-os e perguntando-lhes” (Lc. 2:46). Tocamos aqui - em outro signo do tempo, sob outro céu e sobre outra terra - um ponto delicado, dificilmente acessível à mentalidade do mundo contemporâneo: o mistério da iniciação espiritual da humanidade.

Ao resgate da “pedra” rejeitada pelos construtores

Uma vez mais, tropeçamos com as limitações da linguagem, para compreender as chaves secretas da vida. Não se trata de ir em busca daquela “pedra angular da grande obra”, lembrada de uma ou de outra forma, nos textos sagrados, porque seu sentido simbólico foi esquecido pela tradição, há já muito tempo. Tampouco se trata de procurar o fundamento metafísico do conhecimento, nem o fundamento do fundamento das coisas do homem e do mundo. Em realidade, procuramos o que a humanidade, desde as origens, procurou sempre: a ponte secreta entre a Árvore do Conhecimento e a Árvore da Vida. Dito de outro modo: talvez hoje, mais do que nunca, procuremos a

fórmula de campo unificado humanodivino.

Não para deter-nos em uma nova formulação teórica do conhecimento, mas para *in-corporar* a nosso próprio organismo, a chave sagrada da vida. Qual é a natureza desta “pedra”, o código simbólico desta “fórmula”, a força operativa desta “chave”?

Não se trata de formular uma nova teologia,
mas de estar pronto a um novo advento.

Pronto a dar albergue, em nosso coração de carne, à onda pro-fética do Verbo: *resonantia-Verbum*. Não só para entoar o canto de uma poesia mística, mas para con-stituir (com o Verbo) a arquitetura de uma nova *Physis*-, “Faz-me um santuário e habitarei em meio a eles” (Êx. 25:8).

Faz-me um santuário: Deus necessita do homem na grande obra de Re-construção do Templo. A participação do homem é “aquilo que faz falta” para con-stituir a morada propriamente humana: “A incumbência da consciência é descobrir para o homem “aquilo que faz falta”: algo único, individual, que não pode ser compreendido em nenhuma lei geral”, escreve Viktor Frankl, em *El Dios Inconsciente*. Jung, em sua *Respuesta a Job*, faz notar que Jeohvá necessita de seu servo Job, para manifestar-se como homem. Se bem seja certo que, neste momento de um novo ciclo de desenvolvimento da consciência humana, o advento do divino na alma tem, antes de mais nada, o caráter de acontecimento místico, já começamos a observar que o próprio poder de plasmação do In-pulso profético delineia uma nova geometria da matéria que se traduz em funções humanas de ressonância cósmica, desconhecidas até agora (ou esquecidas no decurso de nosso longo cativeiro terrestre). Este novo campo unificado de espírito-matéria, mais que uma fórmula metafísico-matemática, é a nova *Physis* que restabelece a ponte de comunicação entre o Céu, o Homem e a Terra.

O que é esta nova *Physis*?
Como aceder a ela, como viver nela?

Muito se falou nestes últimos tempos (e se continua falando), mas muito temo que percamos o rumo em um mar de palavras. Não estamos falando aqui, da antiga natureza (cujo pacto o homem rompeu) nem da segunda natureza tecnológica, criada pelo homem. Razoando por analogia, e tentando encontrar um ponto sensível que nos permita aproximar-nos do novo ritmo vibratório de espíritomatéria, no qual nos movemos e somos, na fronteira entre dois mundos, remeto-me ao relato de Dom Juan, nas palavras de Castaneda, em *Journey to Ixtlan*

- “- Acreditar que o mundo seja somente tal como tu pensas que é, é estúpido... O mundo é um lugar misterioso, especialmente no crepúsculo”, diz Dom Juan. E apontou para o vento, com um movimento do queixo.
- Pode seguir-nos, disse, pode fazer com que nos sintamos cansados ou ainda, poderia matar-nos.
 - Esse vento?

- A esta hora do dia, no crepúsculo, não há vento. A esta hora, só há poder.”

Na hora do recolhimento, quando calam as vozes do mundo técnico, chegamos a pressentir que podemos mover-nos em um campo de forças muito sutil que nos devolve um sentimento de liberdade interior, que acreditávamos perdido na cidade opressora. Desde aqui, desde esta nova *Physis*, compreendo (por analogia) o que havia percebido Marshall McLuhan, ante a irrupção dos novos meios da era eletrônica: “O meio é a mensagem”. É o poder intrínseco da nova *Physis* e não da ideologia, do poder político ou do poder religioso, o que mantém a unidade essencial do novo mundo do homem.

Mas, uma vez mais, o que é a *Physis*!

É a terra fecunda dos antigos mistérios,
é o seio da Mãe onde se aloja o germe
do recém nascido.

JÁ NÃO TEMOS MAIS TEMPO...

Não temos tempo para mais congressos, mais simpósios, mais cumes da Terra, mais declarações sobre os direitos do homem...

Roçamos uma perigosa onda
de Anti-sentido.

Já não temos mais tempo para especular sobre o mundo, tampouco para transformá-lo, porque como diz Baudrillard: “O sistema se devora a si mesmo, engendra com sua irreversibilidade, uma inversão total das coisas”. O que fazer, então? Baudrillard não encontra saída dentro do sistema e apela para suas “estratégias fatais”: “Levá-lo à saturação, até o ponto em que o próprio sistema crie o cataclismo”. Em *El Paroxista Indiferente*, Baudrillard não descarta uma alternativa, mas essa alternativa já não vem através da individualidade nem da coletividade e sim, através da “singularidade”. Tanto o individual quanto o coletivo passam hoje para o lado da “rede”: “A identidade está no lado da rede e não do indivíduo”. Qual pode ser então esse acontecimento, capaz de engendrar o novo? “Sua singularidade”, repete Baudrillard; “não a individualidade, tampouco a coletividade, já que está inscrito na globalidade da rede, da qual o indivíduo é só uma partícula. Em troca, a singularidade seria o que suscita o acontecimento. Uma singularidade que já não é individual nem obra de um sujeito determinado, mas uma ruptura, uma quebra. Pode proceder de um homem, de um grupo, de um acidente no próprio sistema”.

Transposição do valor significativo.

Este salto do pensamento conceituai - que escreve a história no acontecer pro-fético que se adianta ao tempo da história - é a nota *revolucionária* da era que se inicia. Dito de outro modo, a revolução escapa hoje às leis do determinismo histórico, para inscrever-se no marco mais amplo de “princípio de incerteza”, “ação interior” e “ruptura de simetria”.

Não temos mais tempo
para fazer a revolução,
porque a própria revolução
derrubou os marcos teóricos da revolução.

Como podemos formular conceitualmente esta “revolução da revolução”?

Trata-se da trans-missão
do sentido do humano.

Frente à primazia do aspecto político que impera nas concepções revolucionárias das grandes organizações de massa, a consciência expansiva da individualidade nascente toma sobre si (como Antígona) a intempérie do homem errante sobre a Terra, para levá-lo (de volta) ao lar da Mãe cósmica. Trata-se de incorporar a própria morte ao desígnio supremo da Vida: mística da ação que de-volve ao homem sua condição essencial de “ser-homem”.

Ao dizer “in-corporar a morte” não se quer significar vontade de poder para escolher a morte, porque já não temos tempo para escolher: fomos escolhidos para descobrir em nós mesmos a face obscura da luz, em uma nova ronda por mais vida.

O ritmo intrínseco da lei marca a ordem sagrada do mundo

Não estamos falando aqui de uma nova “concepção do mundo”, de uma “nova ordem” jurídica, social, política, tecnológica, do mundo por vir, nem sequer falamos da “lei”, mas do *ritmo* intrínseco da Lei: o que nos leva a remontar desde os princípios metafísicos, teológicos, históricos, de organização do mundo, a um princípio de ordem mais originário, *in-pulso* primordial que codifica as funções sagradas da vida.

Ritmo intrínseco da Lei,
que penetra subrepticamente
nos recintos atômicos da matéria
e muda a geometria do plasma vivente.

Irrupção de um princípio de ordem trans-histórica, justamente em um momento histórico em que a nova ordem mundial do “fim da história” pôs em perigo o que, até ontem, chamávamos de “funções humanas da vida”: fim do trabalho, fim da economia real, fim da justiça social, fim do sistema imunológico... Pressentimos um “novo início”, mas não temos um Manu, um Moisés, um Licurgo, que ponha em nossas mãos as novas Tábuas da Lei: as únicas “tábuas” que temos à vista são os índices estatísticos do mercado global, projetados nas telas virtuais do mundo técnico.

O sinal de sentido para os homens e as mulheres que vêm
já não é a Lei escrita nos códigos informáticos,
mas a Lei inscrita nos códigos simbólicos
das moléculas da vida.

O grande desafio intelectual, moral e espiritual para as novas gerações é “entoar” os próprios valores humanos, com o ritmo interiorizado da Lei: para gestar (com a Lei) a molécula ponte (*resonantia-Verbum*) que nos permita circular livremente entre o Céu e a Terra. O desafio já não é só biológico ou sociológico, mas de ordem cosmogônica: criar a nova ordem sagrada do mundo.

DA FILOSOFIA POLÍTICA À GEN-ÉTICA SOCIAL

Em algum lugar do mundo, talvez no deserto, em alguma comunidade mística ou em meio às ruidosas multidões das grandes cidades, alguns poucos homens e mulheres decidiram “retirar-se”: deixaram de escrever livros, fabricar bombas, reproduzir clones, para penetrar - como novos alquimistas - nos laboratórios interiores da vida; sua missão é outra, criar uma nova matéria: “matéria social”. Como nos diz Ernesto Sábato, em seu *Antes dei Fin*: “Já não é suficiente roubar o fogo para iluminar a história”. Tampouco era suficiente “a ação política” (nem a magia tecnológica). Havia caído a noite!

A força do sombrio está em ascenso.
Ante seu avanço, o luminoso se retira,
pondo-se a bom resguardo... (7 *Ching*, 33)

“Não é fácil compreender as leis dessa retirada ativa”, antecipa-se o comentário do livro das mutações e acrescenta: “Não se trata, no que se refere a esta retirada, de uma arbitrariedade humana, mas do cumprimento de leis que regem o acontecer na natureza”. Dito de outro modo: quando o signo do tempo se mostra adverso, quando as forças tenebrosas tomaram a dianteira, quando a história perdeu o sentido da história e o social chegou ao “fim do social” (Baudrillard), nesse ponto crítico, onde o homem que conquistou o mundo corre perigo já não só de perder a alma, mas de mutilar a vida

a vanguarda avança/retirando-se.

Não se trata somente de uma retirada política ante um adversário poderoso, retirada estratégica da guerrilha revolucionária na selva, retirada metafísica do mundo objetivo, em direção à fonte de sentido do ser (“Die Kehre”, em termos de Heidegger)... A retirada, enquanto reversão das próprias leis da história, tem um sentido mais profundo: já não só metafísico, político, histórico, mas sobretudo, gen-érico. E, ao dizer gen-érico, não me refiro somente à genética evolutiva do homem terrestre e sim, à nova estrutura de valores materiais e

espirituais que já começa a esboçar-se como terceira natureza, na nascente trajetória do homem cósmico: um novo *meio*. Este “novo meio” já não é a “primeira natureza” (devastada pelo homem) nem a “segunda natureza” (a técnica criada pelo homem e que se volta contra o homem), senão que é uma

“terceira natureza”

que nos escapa constantemente das mãos, cada vez que tentamos aprisioná-la conceitualmente, nos marcos da linguagem conhecida. E, na mesma medida em que desconhecemos a natureza do “meio”, também nos escapa a “função” do homem no mundo: ou o reduzimos a uma peça eficiente (ou descartável) na mecânica do sistema ou o transferimos a um espaço ideal de direitos humanos e virtudes da alma, sem contato real e efetivo com o mundo e a vida. Mas então, qual é a missão desta vanguarda que avança/retirando-se?

Produzir, com sua própria matéria individual,
a matéria-social que há de servir de ponte
entre o antigo homem terrestre
e o nascente homem cósmico.

“Matéria-social”: é algo mais que uma ideia, um conceito,
um símbolo - é uma molécula-ponte.

O advento do sagrado irrompe hoje no mundo do homem sob o véu do sentido trágico da história

Dito de outro modo: o divino nos interpela,
desde o lado obscuro da vida.

Para encontrar uma época semelhante, teríamos que remontar-nos à origem da tragédia grega, com a diferença de que a confrontação arquetípica entre a liberdade do homem e as forças cósmicas do Destino já não é representada no espaço circunscrito do teatro ou do templo, senão que *opera* no tecido vivo do Corpo Social da humanidade.

A partir da ruptura dos
recintos atômicos da matéria,
forças tenebrosas dos abismos subterrâneos
irromperam na cidade do homem.

O Mal se tomou visível, tomou forma, fez-se substância. Baudrillard nos fala da “transparência do mal”; porém, mais que de uma transparência que se mostra a nós simbolicamente por trás de um véu, sentimos o impacto terrorífico de um poder desconhecido que rasgou o véu. A síndrome de imunodeficiência adquirida não é uma “transparência”, mas a manifestação de um poder da vida que se volta contra a vida. O próprio Baudrillard, quando quer tipificar de alguma maneira esta guerra secreta que derruba as construções inteligentes da cidade do homem, recorre à metáfora de Borges, a irrupção dos povos do espelho: “De todos aqueles que foram condenados pelo imperador vitorioso a permanecer encerrados atrás do espelho... de tudo o que foi exilado para o outro lado do espelho”. Porém, quem são esses “povos do espelho”? E, o que é esse “tudo” que foi exilado para o outro lado do espelho? Não são somente os “exilados”, “desaparecidos”, “desamparados”, as crianças “lançadas ao lixo” antes de nascer... também os “vírus”, as “moléculas assassinas” e os “resíduos magnéticos” de nossa própria vida, que nós mesmos fomos jogando “atrás do espelho”, durante nossa já longa errância terrestre. Todo este poder “esquecido” atrás do espelho vem hoje a nosso encontro, mas já não como pergunta metafísica pelo “esquecimento do ser” (Heidegger) ou anúncio profético sobre a “morte de Deus” (Nietzsche) e sim, como acontecer escatológico de *participação* da humanidade no nascimento expansivo da vida, através das forças obscuras que estão do outro lado da vida.

Acontecer escatológico de participação
que nos põe em contato
com a “vida além da vida”.

Porém, este “além” - esta “escatologia” (se ainda pudermos utilizar este termo) - já não pode ser reduzido a pergunta metafísica, especulação teológica, ato de fé, senão que ingressamos em uma experiência inédita que nem sequer tem formas adequadas de linguagem para ser expressada, mas que podemos chamar de “gen-

ética”: se por gen-éizca entendermos um “gene” onde os valores da alma se unem estruturalmente à química da vida.

A confrontação com o poder do Mal,
vívda pela humanidade de hoje
como “sentido trágico da história”,
abre o caminho à irrupção do Sagrado
nas moléculas da vida.

Signatura divina na matéria humana. A interlocução humano-divina sai do marco metafísico-teológico que a mantinha aprisionada, para fazer-se ressonância “humanodivina” (experiência de não-dualidade), no seio da Mater-matéria: egoência do Ser.

GEN-ÉTICA SOCIAL: FUNÇÕES, OFÍCIOS, FERRAMENTAS

Nova correlação de forças no mundo: novo vínculo dinâmico entre o mistério divino e a consciência histórica; a retirada do “nobre”, em busca do princípio das coisas (como diz o *I Ching*), muda a estrutura do “meio”: na hora do crepúsculo, já não escutamos o sopro do vento, mas a mensagem do “poder que se oculta no vento” (como diria Dom Juan, no relato de Castaneda). Este “ouvir”, que se antecipa ao ver, é o fundamento ultrassónico do novo Corpo que começamos a habitar.

Hoje, na fronteira entre dois mundos,
a transição da consciência histórica do homem terrestre
para a consciência cósmica do homem planetário
se realiza por mediação de um Corpo social em Gestação.

Função vibratória, altemante, de uma nova *Physis*.

Esse passo “inter-mediário” entre o mistério divino e a comunidade humana (entre a gravidade e a graça, como diria Simone Weil) foi esquecido pelo idealismo espiritualista e reduzido a sua dimensão histórica pelo materialismo dialético.

A angústia existencial daqueles
que ainda nos movemos e somos no “antigo meio”

não é só psicológica ou metafísica,

mas gen-érica: deriva de um acontecimento,
difícil de explicar.

Em algum lugar de nós mesmos, já nascemos, já somos “outro” e vivemos em outro espaço (transfinito), mas ainda não temos Corpo adequado nem linguagem apropriada para expressar as funções recém nascidas da alma.

Já não temos tempo para transformar um mundo que se tomou estranho para o homem. Hoje, como ontem, já não se trata de “converter” o Faraó: trata-se de sair do Egito. Esta “segunda saída” não é tarefa fácil: os “magos do Faraó” são mais astutos e mais alto o

poder de sedução do inconsciente coletivo; muitos ficam no caminho arrastados pelas correntes profundas da antiga raça. Não é suficiente o impulso de liberação, nem sequer a presença carismática de um libertador dos povos: faz falta alcançar o nível de interioridade crítica de potencial, para entrar em ressonância analógica com as forças libertárias do universo.

Trânsito
do egoísmo individualista
para a individualidade expansiva do Ser.

Ruptura do molde. Não é demais lembrar aqui, a diferenciação feita por Jung, entre individualismo e individuação: “O individualismo conduz a uma acentuação do “egoísmo”, enquanto que, por individualidade entendemos nossa mais íntima particularidade ou singularidade última e incomparável, *conversão no si-mesmo*”, diz em *El Po y el Inconsciente*. De qualquer maneira, a “egoência” transcende toda fenomenologia psicológica ou metafísica que tente penetrar em seu Ser. Podemos preservar, no entanto, este princípio de “singularidade”, que já havíamos encontrado nos modelos cosmológicos e no discurso sociológico (Baudrillard). Esta “singularidade”, enquanto força expansiva de ação interior, abarca não somente aspectos individuais, mas também sociais; porém, não se dá como “acordo”, no contexto de um “contrato social”, senão que surge como *acorde* na liturgia de um *Mysterium Participationis*.

Egoência do Sen
nota chave *gpn-ética*
na organização de um
Corpo misticossocial de liberação.

Em escala social, nem “espiritualismo” nem “materialismo”
nem “tradicionalismo” nem “progressivismo”
nem “individualismo” nem “coletivismo”.

O caminho é outro, de outra natureza, com outra geometria.

Por transposição analógica, passamos da cadeia de transmissão horizontal em genética molecular:

ADN -> ARNm => ARNt

a uma cadeia de transmissão vertical de energia sagrada:

Mysterium Participationis



reversibilidade



renunciamento



egoência

Restabelecimento da geometria simbólica da vida: funções, ofícios e ferramentas do homem vindouro.

DIMENSÃO SOCIAL DO *MYSTERIUM PARTICIPATIONIS*

O giro da ética de participação (solidariedade social) a uma genérica participante (orgânica), esse salto de *interioridade* na ordem das funções da vida, é a chave biogen-érica que antecipa o desenvolvimento do Corpo Social da humanidade vindoura. Algo desta *Gen-ética* de antecipação era pressentido por Che Guevara quando, referindo-se ao trabalho voluntário na revolução cubana, dizia o seguinte: “Claro que ainda há aspectos coativos no trabalho, ainda que seja voluntário. Ainda falta ao homem, a completa recriação espiritual ante sua própria obra, sem a pressão direta do meio social, mas ligado a ele por novos hábitos”, escreveu o Che Guevara, em uma carta a Carlos Quijano.

Sem este “giro” da ética formal, de raiz filosófica, para uma genérica social, de raiz espiritual, ainda os programas sociais mais revolucionários naufragam em suas próprias contradições internas; e não é nada estranho (já ocorreu nos países socialistas) que o trabalho voluntário acabe se convertendo em “trabalho forçado”. O mesmo costuma ocorrer com as doutrinas espirituais de participação social: sem o Verbo feito função orgânica, as doutrinas sociais das Igrejas ficam reduzidas a declarações ideológicas, sem enraizamento real e efetivo na vida do povo.

Sobre a base destas considerações de princípio, ao tratar aqui do desdobramento da egoência em seus diferentes momentos dinâmicos, resisto a utilizar o termo “participação”, no sentido habitual que lhe é dado pelo dicionário: “Ter parte em alguma coisa”, e remeto esse conceito a uma raiz mais originária (*Mysterium Participationis*), de onde a própria palavra “participação” surge transfigurada em “participação-participante”, giro de significação que não fica reduzido a uma mudança semântica da palavra, mas a uma nova *função* do homem na Obra: co-participação da consciência-vontade humana, na grande obra de criação do mundo.

Co-participação
que já não é só solidariedade histórica,
ética social,
caridade religiosa,

mas função humana de ressonância cósmica:
até agora esquecida na fisiologia do homem fragmentado.

Participação-participante, enquanto função humana de ressonância cósmica, não é só “da?” e sim, “dar-e-receber”: teu problema é meu problema, tua vida é minha vida, minha luz dissipa a escuridão de tua ignorância e tua escuridão ilumina os labirintos de meu entendimento. O “ofício” deixa de ser ofício, ocupação, cargo, profissão, habilidade manual ou intelectual, arte, artesanato... e, por participação-participante, fica transfigurado em “ofício sagrado”: função humano-divina de *inter-mediação* entre os valores supremos do espírito e os abismos da matéria.

Co-participação:

Já não só do homem com o homem (função social),
mas do homem com os reinos
que estão acima do homem
e abaixo do homem
(função cosmogônica).

O sacerdote, o professor de escola, o guerreiro, o juiz, o operário... deixam à margem do caminho suas vestes e atributos envelhecidos pelo tempo para assumir uma nova in-vestidura: gen-érica, tecida de carne e espírito, in-vestidura orgânica que lhes dá um lugar operativo-simbólico na grande obra de transfiguração social do Verbo.

Esta transição das “funções sociais”, giro do antigo corpo terrestre às “funções cosmogônicas” do nascente *Corpus* misticossocial, já não se realiza por meio de algum novo “contrato social”, mas por intermédio de um operador simbólico, na equação de onda de reversibilidade de valores:

molécula analógica.

SALTO *GEN-ÉTICO* POR REVERSIBILIDADE DE VALORES

Ferramenta técnica de acesso ao caminho da Árvore da Vida: zelosamente guardado no jardim do Éden, por um círculo de fogo. “Não vá ser que o homem estenda sua mão para a Árvore da Vida e, comendo dela, viva para sempre” (Gên. 3:22,24).

A egoência, em função de reversibilidade de valores, é movimento intrínseco da Vida, trânsito do não-ser ao ser e do ser ao não-ser. Esse movimento de reversibilidade de valores no seio da matéria (que é como dizer, no centro do coração do homem), se alguma vez pôde ser intuído nos altos cumes da inteligência, foi logo esquecido e, ainda mais, negado no desenvolvimento histórico do pensamento sistemático: e assim, construímos um mundo objetivo, à imagem e semelhança do homem.

Hoje, já longe do Paraíso,
quando havendo percorrido a Terra pelo
caminho do conhecimento,
pela segunda lei da termodinâmica, pela
irreversibilidade do tempo,
desembocamos em um beco sem saída:
por perda da imagem do mundo
e vazio existencial...

Quando o tempo da história nos mostra
a face obscura da luz,
voltamos por dentro (pelos invisíveis caminhos da alma)
a perguntar pela fonte, de onde brota a seiva
da Árvore da Vida.

Reversibilidade de valores: movimento intrínseco da Vida,
que escapa ao olhar
dos conquistadores do mundo.

Segundo Jean Piaget, em *Epistemologia Genética*, “a mobilidade reversível é o que caracteriza o ato da inteligência”: trânsito da percepção sensório-motora da criança de cinco a seis anos

(irreversível, relação direta com objetos concretos) para a mobilidade (reversível) do pensamento “desapegado” do objeto. Porém, esta reversibilidade da inteligência racional deve poder ser sustentada, desde o próprio movimento de irreversibilidade da vida, para que a própria vida não se cristalize em uma forma. Ainda não fomos educados para isso: fomos educados para conquistar um bem e possuí-lo; dito de outro modo: fomos educados para *possuir* a vida (quer se trate de valores materiais ou espirituais). Conhecemos a reversibilidade mecânica das coisas: inversão de sentido do percurso do tempo e inversão das velocidades nos sistemas mecânicos; e conhecemos a irreversibilidade do tempo na dinâmica dos sistemas físicoquímicos (Prigogine); mas não conhecemos a dimensão reversível da vida humana, em estados da matéria afastados do equilíbrio termodinâmico de posse da vida. A ciência moderna nos fez conhecer o papel fundamental da “ruptura de simetria”, no processo evolutivo dos sistemas materiais: “sem ruptura de simetria não há evolução”; e começamos a descobrir as condições em que um sistema passa de um estado a outro: “transições de fase” (a certa temperatura e pressão, a água se transforma em vapor ou em cristais e essa mudança se produz de forma súbita e descontínua). Porém, na vida humana, como se passa da vida - que conduz à dor, à escravidão e à morte - à vida que nos devolve mais vida? Falamos do “além”, mas nós necessitamos da vida agora, no “aqui”, *antes* que o sopro da vida se transfigure em espectro da morte.

Como se acede hoje, no mundo de hoje,
à nova dimensão de reversibilidade de valores
da vida humana?

Por dois caminhos:
por mística espiritual de renunciamento
ou por experiência social de despojamento.

Dito em termos evangélicos: “Àquele que tem, ser-lhe-á dado e àquele que não tem, ainda o que tem lhe será tirado”. Mas, para que tudo isto não pareça tão esotérico, vejamos um pouco mais de perto o que ocorre no cenário social, com a reversibilidade das próprias leis que configuram nossos sistemas de valores. A conquista mais significativa da segunda metade do século XX não é haver transformado o mundo (proposta histórica do marxismo), mas haver

tomado consciência da própria reversibilidade do mundo, da “reversibilidade natural do mundo” (nas palavras de Baudrillard): “Não só a transgressão, mas a própria destruição, estão fora de nosso alcance. Jamais nos equipararemos com um ato de destruição, à destruição acidental do mundo. O que podemos acrescentar com a destruição artificial já está inscrito na revolução incessante do mundo, na trajetória irônica das partículas e nas turbulências caóticas dos sistemas naturais”, escreve Baudrillard, em *El Crimen Perfecto*. Essa “reversibilidade natural do mundo” - que está “fora de nosso alcance” (nas palavras de Baudrillard) - tomou-nos de surpresa: é outro mundo, outra realidade, outro “meio”; já não é o mundo da natureza que conhecemos, nem o mundo técnico que fabricamos (segunda natureza), tampouco o “meio interno” (Claude Bemard), nem o meio divino (Teilhard de Chardin); é “outro meio”, no qual vivemos-e-morremos a cada instante, no qual somos-e-deixamos de ser, no qual estamos “inscritos, formando parte da revolução incessante do mundo”. O discurso oficial da sociedade informatizada em que vivemos-e-morremos (um pouco a cada dia; enfermidade de autoimunidade) é fazer-nos acreditar que o “meio técnico” simboliza o progresso, o futuro e o desenvolvimento humano; e que não há outro meio à medida do homem.

O desafio gen-étfico para o homem vindouro
é criar o meio humanodivino:
“terceira natureza”.

O primeiro passo é tomar em nossas próprias mãos essa reversibilidade do meio social que hoje nos escapa das mãos. Esta reversão da força já não pode ser conseguida pela mesma vontade autônoma de poder que nos levou ao domínio do mundo, mas por uma mística do coração, que nos desarraiga da posse dos bens materiais transitórios e nos traz à signatura de um pacto sagrado com a Vida.

RENÚNCIAMENTO: PALAVRA DE PASSE QUE MARCA O SENTIDO DA OBRA

*Vai, vende tudo quanto tens e dá-o aos pobres, e
terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me.*

Marcos, 10:21

É o *consummatum est*: a perfeição da obra, *abnegado* do homem, em aras de uma “interlocução” humano-divina. Se não há resposta a este chamado (como na parábola do jovem rico do Evangelho), não há esse *locus* entre dois: a obra do homem continua sendo “obra” (com minúscula), por mais extraordinária que seja, ao não dispor da palavra de passe para cruzar as grandes águas.

Não estamos falando aqui do renunciamento, simplesmente como doutrina de despojamento humano: “Vende quanto tens e dá-o aos pobres”, nem como filosofia da “negação do mundo e da vida” (cujo desvio unilateral é denunciado por Albert Schweitzer, com tanta lucidez, em seu estudo *El Pensamiento de la índia*)', estamos falando de

Vende quanto tens...

...

...e segue-me.

Sem este “e então, vem e segue-me”, qualquer que seja o contexto doutrinário, ideológico, histórico, no qual se queira enquadrar este chamado desde a transcendência, somente a negação de si, somente a renúncia aos bens, levaria, em maior ou menor medida, à negação do mundo e da vida; não é nada estranho que, frente a esta interpretação unilateral do renunciamento, Nietzsche tenha declarado que “o cristianismo tomou partido de tudo o que é fraco”.

O Renunciamento, entendido em seu sentido espiritual mais originário, é a coroação da Obra: “e terás um tesouro no céu”; o que, dito de outra maneira: pela ação sacrificial de renunciamento, as pequenas ações dos homens se transfiguram em pedras preciosas da grande Obra.

Mas, o que é a Obra? Para muitos, a Obra é o partido político, a classe social, a fraternidade universal, a ditadura do proletariado, o

mercado global, a conquista do espaço; para uns é a pobreza evangélica: a renúncia, pura e simplesmente; para outros, é a vontade de poder: transformar as pedras em pão. Para a mística negativa é a ação “sem porquê” (Meister Eckhart); para os padres do deserto é a “oração permanente”, como oferta da vontade humana à inefável presença divina (como disse o abade Besario ao morrer: “O monge, como os querubins e serafins, deve velar sempre”). Mas aqui, não estamos falando do guerreiro, do místico ou do monge e sim, da vida e da obra do operário que se levanta cedo todos os dias, para ir ao trabalho e do trabalhador que fica em sua casa porque perdeu o trabalho e o sentido da obra: empregados, operários, mães de família, crianças que vão à escola... de todos os seres humanos chamados (pelo signo do tempo) a in-corporar em suas próprias vidas, um elemento espiritual indispensável para elevar a vida a uma dimensão propriamente humana (porque já há sinais de degradação do homem). Não se trata de construir uma nova religião do homem, à imagem e semelhança do homem, mas de criar o “meio” para que o homem participe, com seus valores humanos, na Obra de transfiguração social do Verbo.

Criar o meio!

Para além da revolução social,
do mercado mundial,
das ideologias mundialistas,
das teologias da libertação,

a mensagem que desponta no horizonte do advir
é criar o “meio”
para que o homem possa desenvolver-se
plenamente como “ser humano”.

O “novo meio”, que é interiorizado hoje em escala planetária, por convergência de correntes espirituais e sociais de antecipação, é o sangue ígneo que in-spira e transmite sentido orgânico da vida, ao novo Corpo alternado de ressonância cósmica. Começamos a descobrir os sinais, o ritmo, as profunções deste novo “meio interior”, que nos chama a desenvolver funções humanas longamente pressentidas, mas até agora, não atualizadas: o que apenas até ontem

chamávamos de “germes de futuro no homem” e que amanhã serão órgãos.

Meio interior:

Não só homeostático,
mas transgênico.

Não se trata de outro credo, de outra filosofia para interpretar o mundo, de outra teologia para dar nome ao divino: trata-se de outro Corpo, para dialogar com o cosmos vivente. Outro Meio; já não só “homeostático”, que durante milhões de anos tomou possível (por sua estabilidade dinâmica) o desenvolvimento da vida humana sobre a Terra (“Procriai e multiplicai-vos e enchei a Terra”, Gên. 1:28), mas “transgênico”, para nomear com esta palavra, a in-corporação de um “Gene” divino à biologia molecular do homem. A bioengenharia genética (animais e plantas transgênicos) viria a ser a sombra, o reflexo nas águas da vida terrestre, de um acoplamento mais originário, que já se havia produzido nos altos cumes da montanha sagrada, entre o sopro do fogo do espírito (Primo-gene) e a matéria desestabilizada do homem. Nessa *Gen-ética*, nessa fronteira entre uma humanidade em ascenso evolutivo e uma Divindade em descenso providencial, o *logos* do homem é interpelado pela palavra-sentido do Verbo e, nesse nível, a única “palavra de passe” para alcançar a *resonantia-Verbum* é o “renunciamento”.

Em escala gen-ética, isto é, em níveis de ressonância onde os valores espirituais da alma se unem à química da vida, o renunciamento sai dos marcos estreitos das teologias apofáticas e das éticas de negação do mundo e da vida, para in-corporar-se ao mundo do homem, como lei orgânica do novo campo unificado de forças materiais e espirituais da Vida. Mas, em seguida, surge uma pergunta: que papel pode desempenhar na economia do mundo, uma força virtual como a renúncia? Talvez a física de partículas nos dê a chave: “O intercâmbio de uma partícula virtual gera uma força suficientemente grande, de forma a manter a coesão do núcleo atômico”.

Como poder essencial de União, o renunciamento é uma mística, mas se passarmos da teoria da renúncia à experiência do renunciamento, chegaremos a dar-nos conta de que esse potencial místico se desdobra (aos olhos do conhecimento) como uma ciência,

uma técnica, uma moral; e, na ordem prática da vida, como uma *gen-ética* social, isto é, como uma organização de funções, ofícios e ferramentas. Com a finalidade de uma pedagogia de antecipação e querendo esboçar, de alguma maneira, os diferentes aspectos (transições de fase) da gigantesca obra de transfiguração social do Verbo que hoje vivemos e padecemos sem compreender... e querendo de alguma maneira, compreender a dinâmica expansiva deste poder de renunciamiento, hoje nas mãos do homem, diríamos que:

como mística, dirigimos o olhar ao Templo;
como conhecimento, à Escola;
como organização, ao Trabalho.

FIM DO ISOLAMENTO CÓSMICO DO HOMEM

Aproximo-me com cautela do desenvolvimento do sentido desta “ruptura”, quase seria melhor dizer, da inteligibilidade deste advento: porque não se trata de anunciar algo que vá ocorrer, mas de dar palavra inteligível a um acontecimento originário que quebra a barreira do tempo e que já ocorreu. Mas, onde e como aconteceu?

Só podemos pensar aqui, por analogia:
não por meio dos fatos,
mas por ressonância com
a alma dos fatos.

Não pela teoria da relatividade, pelo principio de incerteza, pela bomba atômica, pela corrida do espaço, pela revolução social, pela iluminação mística... mas por uma abertura mais originária (e, por que não dizer, *mystéricd*) que faz possível que ocorram estas coisas. Podemos falar de revelação? Eu diria que sim, sempre que déssemos ao termo a significação de “toque da alma” da humanidade, por um raio de consciência cósmica. E, se quiséssemos caracterizar de alguma maneira esta ruptura de simetria do mundo material do homem, diríamos que o “toque” profético da onda de consciência cósmica produz “iluminação/escuridão”, tanto nos altos cumes do espírito, quanto nos profundos abismos da matéria. Nos altos cumes, os sábios e os santos se encontram em um abraço místico, pela unidade do conhecimento e da vida: Einstein dialoga com Rabindranath Tagore. Por baixo (*ad inferus*), a união se realiza de outra maneira: por “pacto entre derrotados”.

São milhões os que estão resistindo, você mesmo pode comprovar, quando vê esses homens e mulheres que se levantam a altas horas da madrugada e saem para procurar um emprego, trabalhando no que podem, para alimentar seus filhos e manter honradamente o lar, por modesto que seja. Você já parou para pensar quantos, em todo o país, compartilham esta fome pela dignidade e a justiça?... Como “essa mãe de Comentes ou do Paraguai”, que

lacrimejava de felicidade junto a seus trigêmeos que acabavam de nascer em um mísero hospital, sem abater-se ao pensar que a estes, como a seus outros filhos, esperava-os o desamparo de uma favela, inundada nesse momento pelas águas do Paraná. Não será Deus quem se manifesta nessas mãos? Por que teria que manifestar-se só em poetas como São João da Cruz ou nas sagradas pinturas de Renault? (Ernesto Sábato, *Antes dei Firi*)

Ao dizer “iluminação/escuridão”, não estou me referindo à revelação, no sentido de desocultamento da ideia (*alétheia*), mas à rotação de uma “força” de RevelaçãoRe-velada, que irrompeu (subrepticamente) no mundo, quebrando a simetria das antigas formas do conhecimento e da vida. A humanidade termina seu ciclo de formas oscilantes sob o reflexo da luz na caverna platônica; a luz que ingressa arranca o homem de seu antigo solo e o expulsa do mundo de sombras da caverna-refúgio: deixando-o exposto a um campo de consciência cósmica, cujas leis de organização não têm equivalente simbólico no mundo do antigo *logos*. Experimentamos um tempo de “ruptura”, ao qual é difícil dar nome: como aquele prototempo em que Adão ainda não havia dado nome às coisas. As leis de Einstein não derivam das leis de Newton: “Uma esplendente luz se fez dentro de mim” (é algo completamente novo). E, quando o jovem Heisenberg conversa com Einstein, em relação ao “princípio de incerteza”, o pai da relatividade não lhe dá crédito; era algo demasiado novo: “Deus não joga dados”. O mesmo ocorre com as pegadas magnéticas que a RevelaçãoRe-velada do novo éon deixa marcada em nosso (já antigo) cérebro físico: é difícil formulá-la nos termos do antigo *logos*. Não temos teoria da ciência, filosofia da história, teologia da revelação, de onde possamos derivar a egoência com sua reversibilidade de valores; e, se utilizarmos conceitos tais como “participação” e “renunciamento”, cunhados desde há muito tempo na tradição social e espiritual da humanidade, teremos que apressar-nos (como já dissemos em mais de uma oportunidade) para assinalar o deslocamento semântico desses termos, no contexto vibratório do novo signo do tempo.

Hoje, como ontem,
a chave de *resonantia-Verbum*
é sustentar-se no vazio, sem cair.

Dito de outro modo: sustentar-se não nas ideias, mas no espaço onde se *revelam* as ideias. Neste “espaço da revelação”, começamos a vislumbrar o advento da ordem sagrada do mundo vindouro: transmissão de energia espiritual, em um corpo orgânico de ressonância cósmica. Ordem hierárquica de funções, ofícios e ferramentas, sustentada pelo intercâmbio reversível de partículas virtuais de muito alta energia. Neste nível de alta energia, onde as forças do céu e da terra alcançam um *estado* de ressonância humano-divino, os ofícios já não são ofícios, mas “ofícios sagrados”: o sentido da obra já não se reduz aqui, à fabricação de objetos nem à transmissão do conhecimento, mas à *trans-würsão* de um sangue ígneo indispensável para, que o homem alcance a hierarquia de “mediador” (molécula-mensageira) entre os reinos que estão acima do homem e as forças elementais que estão abaixo do homem e vêm ascendendo em busca do homem. Esta função sagrada de “mediador” já não fica restrita ao âmbito sacerdotal (enquanto ministério de ordem sagrada), senão que se expande a outros ofícios-mensageiros que, por participação-participante, adquirem (cada um a sua medida) a hierarquia de “ofícios sagrados”: o professor de escola, o magistrado de justiça, o operário... todos eles em função de *trans-missão* de um ultraelemento indispensável para manter a vida na alta vibração de consciência cósmica que a própria matéria humana já alcançou, ao final de milênios de peregrinação terrestre.

Esse “ultraelemento” não aparece na tabela de Mendeleev,
nem pode ser fabricado nos aceleradores atômicos.

Só pode ser criado na câmara secreta do coração, por aliança com o Verbo: *resonantia-Verbum*. Para além da mecânica horizontal da vida (coração mecânico), começamos a pre-sentir o ritmo sagrado de um coração místico: trans-missão vertical de “ultraelementos”, entre os altos cumes do espírito e os profundos abismos da matéria. A circulação desta energia sagrada pelos canais invisíveis do Corpo social restabelece a ponte (ininterrupta durante milênios) entre a fisiologia do homem terrestre e a misteriosa organização da consciência cósmica. A tradição hesicasta dos padres do deserto preservou, por trás do véu da “oração permanente”, esta fisiologia hermética do coração que hoje tentamos restabelecer em nosso próprio corpo, como função de *resonantia cum Verbum*. Vejamos o que nos diz o Pseudo-Macario, na *Filocalia*:

A graça grava no coração com fios de luz, as leis do Espírito. Não devemos, portanto, retirar a segurança somente das Escrituras feitas com tinta, pois a graça de Deus grava também as leis do Espírito e os mistérios celestes sobre as tábuas do coração. O coração, com efeito, ordena e rege todo o corpo. Uma vez que a graça tenha se apoderado dos campos do coração, reina sobre todos os membros e pensamentos... através dele, a graça passa por todos os membros do corpo.

Esta mística do coração com toque fisiológico foi retomada pelos alquimistas no final do medievo, como fisiologia alquimística de transmutação de elementos e depois esquecida, para dar passagem à ciência moderna (com “esquecimento do ser”, Heidegger). E este “esquecimento do ser” aparece hoje, em termos bíblicos, como “queda”: como interrupção da cadeia gen-éfica de transmissão de sentido, como morte espiritual do homem, como ruptura da ponte entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida, como muralha de isolamento cósmico.

A fissão atômica, a liberação de energia, a conquista do espaço, não bastam para quebrar o muro das lamentações. Faz falta um “ultraelemento” in-corporado à fisiologia humana e uma cadeia de “trans-missão gen-éfica” para unir os valores da alma com a química da vida.

Ao fechar-se o éon cristão de Peixes,
quando a Noite do mundo se tomou
mais escura que o escuro,
o isolamento cósmico do homem só pode ser quebrado
em alguns poucos instantes privilegiados:
ruptura da forma,
iluminação mística,
sacrifício dos inocentes.

É o instante onde o tempo do fim volta sobre si mesmo, à escuta de outro início.

INITIUM AD INFERUS

É outro início: já não é o Jordão, nem sequer o deserto, mas o mundo subterrâneo. O homem, a humanidade, lutam aqui, com forças de natureza desconhecida; é a segunda iniciação: já não por iluminação da alma, mas por incêndio da matéria.

Cruzamos uma barreira perigosa:
não lutam aqui só os homens,
também os deuses
e os demônios.

No final de um grande ciclo cosmogônico-histórico, enfrentamos hoje com uma guerra subterrânea, cuja natureza escapa a nosso marco intelectual para interpretar a história: trata-se de uma enigmática luta de poderes (com rosto e sem rosto), na fronteira que separa-e-reúne duas dimensões, até agora irreconciliáveis do mundo. É como se tudo o que expulsamos da lógica da vida, para construir um mundo em expansão, viesse de repente a nosso encontro, por inversão de sentido, em uma galáxia humana em in-plosão. De repente, sem dar-nos tempo para construir uma filosofia da história, a própria história desmonta os sistemas de interpretação do mundo, tecidos com tanto esmero pelos filósofos da história. Já não temos mais tempo: não só “os deuses que fugiram tiveram seus tempos” (como diz Hölderlin), mas também o homem, lançado velozmente à conquista do tempo, ficou sem tempo para celebrar a vida.

O homem se tomou estranho para o homem;
os templos, vazios;
as instituições, sem alma;
o corpo, sem imunidade.

Lutamos com o “estranho”, com aquilo que um dia foi nosso; com o estranho que, um dia, foi nosso irmão; com o templo vazio que, um dia, fizemos tabernáculo do Deus vivo; com as instituições sem alma que, um dia, foram nossa Alma Mater, lutamos com um corpo que, um dia, foi morada do espírito e que hoje, se volta contra nós:

quando nosso antigo sistema imunológico trata os próprios tecidos como se fossem proteínas estranhas (doenças de autoimunidade).

Porém, o que é, de onde procede, como se forma,
esse elemento “estranho”
que hoje se infiltra no Corpo da humanidade,
contaminando as águas da vida?

São “resíduos” (de grande poder), arrojados ao inconsciente coletivo, durante éons, e que hoje se voltam contra a sociedade organizada, por implosão de massa, por reversão do signo do tempo: resíduos magnéticos do antigo Corpo, que hoje vêm a nosso encontro como barreira tenebrosa, justamente quando o tempo é chegado para iniciar nossa viagem às estrelas. E somos trazidos de novo à Terra (agora, com maiúscula), às entranhas da Terra, para assimilar (por transmutação de elementos) a essência etérea das forças da Terra: e ascender com o ultraelemento a dimensões etéreas da vida, até agora inacessíveis aos quatro elementos constitutivos da matéria do homem terrestre.

Das iniciações da alma,
passamos à iniciação da matéria.

Aqui, *ad inferus*, as leis são outras: a confrontação já não é só com o anjo do Senhor e o ginete da morte, mas com o poder sem rosto do demoníaco. Muitos crimes aberrantes, em nosso tempo, já não são crimes: são violações da matéria humana, profanações do templo sagrado da vida. Talvez, o maior desafio para a nascente civilização cósmica, seja “identificar” essa ultraquímica demoníaca que se infiltra (degradando) nos recintos, até ontem invioláveis, da organização atômica da vida terrestre. Thomas Berry, com genial intuição, já havia advertido sobre este perigo: “Um dos aspectos mais importantes de qualquer processo espiritual é a identificação das forças demoníacas que operam na cultura existente, no momento histórico, na ordem social ou na vida individual de cada um. Porque esta confrontação com o demoníaco é a base indispensável para o triunfo heróico e espiritual que se supõe seja a única solução para a situação humana” (citado por Valerio Ortolani, em *Personalidad Ecológica*).

A partir de 1945, com a primeira explosão atômica da matéria terrestre e a posterior fissura do sistema imunológico humano, esta

“confrontação com o demoníaco” adquiriu hierarquia de guerra secreta *ad inferus*: na qual, um “estranho” poder de destruição, sob diferentes máscaras (terroríficas ou sedutoras), vai minando, desintegrando, dissolvendo (por energia inversa) os castelos de pedra edificadas pelo homem.

Ainda não temos uma ciência,
uma política,
uma técnica...
uma estratégia inteligente
que nos permita transformar a energia negativa
do reino de Plutão
no in-pulso liberador da Serpente Emplumada.

A linguagem volta aqui a ficar insuficiente: sobram as palavras; porque não se trata de ciência, política, técnica, estratégia que estejam nas mãos do homem (unicamente em sua vontade de poder), senão que o próprio homem é escolhido (pelas inescrutáveis forças do Destino) como vítima propiciatória (prot-agonista), no contexto de uma liturgia sacrificial, no templo cósmico das grandes transfigurações da vida.

EGOÊNCIA

Mas, não houve nem há um: cada um é um todo.

Mas, não existe o todo: sempre falta um.

Octavio Paz, *El Mono Gramático*

O que é egoência?

É beber a água que brota da fonte...

E Dizer pela inteligência, o que brota da sabedoria do coração.

Egoência é abandonar a crença de que se é “si mesmo” e nada mais. Não, “cada um é um todo”. Mas, tampouco me dissolvo no todo, porque não há um todo, sempre “falta um”: *eu-mesmo*.

Egoência não é um conceito: é uma *função*,

e é *método*,

e é *testemunho*.

EGOÊNCIA-FUNÇÃO

Função-nascente. No que já passou do século, por diferentes caminhos e com diferentes palavras, tentou-se caracterizar (e dar nome) ao *estado* que emerge da ruptura de simetria do antigo modo de “estar-no-mundo”. Mas, esse *estado* resiste a ser nomeado com as formas metafisicoteológicas da linguagem, cunhadas na tradição histórica da humanidade (incluída a palavra “egoência”, que marca o começo e o fim deste escrito). Não é questão de filosofia da palavra, mas de geometria do caminho.

Existem homens decididos a não contentar-se com a realidade. Aspiram eles, a que as coisas tomem um rumo diferente: negam-se a repetir os gestos que o costume, a tradição, em uma palavra, os instintos biológicos, forçam-nos a fazer. A estes homens, nós os chamamos de heróis. Porque ser herói consiste em ser o próprio ser, si mesmo. (Ortega y Gasset, *Meditaciones dei Quijote*)

Porém, este “negar-se a repetir” os mandatos dos costumes, da tradição, dos instintos biológicos, para “tomar-se” si mesmo e converter-se em “herói” aos olhos dos demais, leva consigo uma face “catastrófica” para si-mesmo. Esta *viragem* dos caminhos conhecidos, para voltar o olhar em direção ao solo natal onde arde o fogo do lar, converte o homem em um “estranho” no mundo de hoje (*Hölderlin’s Hymnen*): um “estar fora” e “à parte”. Mas, como sustentar-se em uma “casa sem sustento”?

Cari G. Jung, em seu desenvolvimento das funções do inconsciente, destaca o “processo de individuação” como “uma longa e ininterrupta série de mutações, cuja meta é alcançar o ponto central da personalidade”. Este “centro” já não coincide com o “eu”, de acordo com Jung, senão que se revela como “função transcendente” de relação entre o consciente e o inconsciente. Diz Jung: “Este ponto central, eu o chamei de o *si-mesmo*, para expressar com este termo, uma essência não recognoscível, a qual não podemos compreender como tal, pois sai dos limites de nossa capacidade compreensiva...”. Igualmente, poder-se-ia chamá-la, “Deus em nós”. Se bem que Jung se esforce por descrever o “si-mesmo” em termos psicológicos, cuida-

se de não reduzir a “função central” a um conceito psicológico e prefere abordá-lo desde a visão mais ampla dos chamados “processos de iniciação”. Citando suas próprias palavras, em *El Yo y el Inconsciente*: “Creio que a comprovação psicológica chega com isto a seu fim extremo, pois a ideia de um “si-mesmo”, já é em si mesma um postulado transcendente que, se bem possa ser justificado psicologicamente, não pode ser demonstrado de um modo científico”.

Jung, Heidegger, Hölderlin, Ortega y Gasset, Charles Reich, Jean Gebser..., todos eles, a seu modo, com linguagens diferentes, detectaram uma função nascente no homem: que vem para conciliar os opostos do antigo *logos* racional. Se bem que essa função “central”, “transcendente”, possa ser descrita, em seus estágios iniciais, como função eidética (novo “estado de consciência”), tudo nos faz pensar que sua raiz seja gen-érica: e o que hoje é função, amanhã será órgão.

Egoência não é só “ideia”,
 mas *função orgânica*;
não só “fundamento metafísico”,
 mas *centro energético*;
não só “modo de ser”,
 mas *divisa que reúne*, em um mesmo
núcleo simbólico de sentido, os valores
da alma e a química da vida.

Mais que uma filosofia da ciência, uma ultrafisiologia do homem. Não se trata de elaborar uma teoria para explicar esta função nascente, mas de pôr-nos à escuta do que nos quer Dizer o sopro do espírito que irrompe nos circuitos eletroquímicos de nosso coração.

Egoência: mais que “princípio de individuação” (demasiado metafísico), é “canto” de *gesta* (se me for permitida esta licença poética). Uma *gesta*, no duplo sentido da palavra, porque, se por um lado é irrupção mística do espírito na matéria do homem, por outro, é vontade heróica do homem para abrir novos sulcos nos caminhos do mundo. “Canto” de *gesta*: grito de um recém nascido.

O recém nascido, portador de um novo código gen-érico, terá que medir-se (para ser *si-mesmo*) com as forças do inconsciente coletivo de sua própria alma e com o poder coletivo das instituições que perderam a alma.

Como se prefigura esta nova *função orgânica* que vem tomar o comando do antigo *logos*!

Entramos no terreno
ainda muito pouco explorado
de uma biologia co-evolutiva.

Primeiros acordes de uma ultrafisiologia humana de antecipação: trata-se da demolição de órgãos, na grande obra de transfiguração da vida. Já não havíamos ouvido algo sobre isto, à vista das belas construções do templo? “De tudo isto que vedes, virão dias em que não ficará pedra sobre pedra que não seja demolida” (Lc. 21:5,6)? Hoje, estamos assistindo à derrubada do templo do espírito do homem, seu próprio corpo físico, derrubada cujo primeiro sinal de alarme são as enfermidades autoimunes. Mas, desde o seio da catástrofe involutiva, começamos a ouvir o ritmo, o pulso, o latejar de um novo corpo, em fase de transfiguração. Alguns destes sinais do “corpo de fogo” já haviam sido percebidos com suficiente antecipação pelos místicos hesicastas (um Nicéforo, um Evagro do Ponto, um Gregório o Sinaíta), quando ensinavam seus discípulos a “interiorizar o sopro da respiração, na câmara secreta do coração”.

No final de uma longa errância do pensamento pelos caminhos do tempo e da história, havendo construído um belo templo, sem espírito que o habite, o próprio pensamento do homem *retoma* sobre si mesmo, em busca do Lar: esse centro cordial e mystérico que a tradição espiritual de todos os povos da Terra reconhece como lugar sagrado, de onde surge a verdade da palavra.

A in-flexão da inteligência

no sangue do coração

con-figura o circuito neuromístico
dos homens e mulheres que vêm.

Dito em linguagem mais técnica, a chave teórica da ultrafisiologia nascente é

reversibilidade de valores.

EGOÊNCIA-MÉTODO

Desde a *theoria*, egoência é função-nascente (nascimento originário): toda tentativa de “explicá-la” em termos da linguagem conhecida (psicológica, metafísica, teológica) acaba não explicando nada. É outro *estado*, outro *ritmo*, outro *meio* de comunicação: por interpenetração de estados, por ressonância de similitude. Este ritmo é o que abre ao caminhante, o caminho a seguir:

A *theoria* da função
se resolve em *methodo* de vida.

Faz-se visível a geometria do caminho: é “outro” o discurso do método.

Os velhos métodos vão ficando como relíquias históricas, à margem do caminho do conhecimento. No terreno da investigação científica, já começam a despontar alguns sinais precursores de um novo método. “É preciso acostumar-se à ideia de que os fenômenos do muito pequeno e do muito grande já não proporcionam imagens visualizáveis, e é preciso aprender a arrumar-nos ali, sem visualizar as coisas... uma mudança tão radical no sistema de conceitos da ciência - passar das partículas fundamentais (visualizáveis), às simetrias fundamentais (não visualizáveis) - não é aceita tão facilmente... a física de partículas nos informa realmente acerca das estruturas fundamentais da natureza, não acerca de partículas fundamentais. Estas estruturas são muito mais abstratas do que acreditávamos há cinquenta anos, mas são compreensíveis; não é culpa minha, se esse cerne, longe de ser de índole material, tenha mais a ver com as ideias que com sua imagem material”, afirma Heisenberg, em *Encuentros y Conversaciones con Einstein y otros ensayos*.

Com que ferramenta metodológica poderemos aceder a essas “estruturas fundamentais da natureza” que intuímos como protoformas gen-éricas do caminho do conhecimento e da vida?

A chave de poder do novo método
já não é só a ferramenta em mãos do homem,
mas o próprio homem como ferramenta
no caminho da vida.

Irrompe hoje nos caminhos da história, uma nova estirpe de investigadores, não só nos altos cumes da ciência, da arte, da metafísica, mas nos caminhos da vida cotidiana: onde, a cada passo, o homem se encontra com sua própria sombra. Os prot-agonistas da nova história não vêm somente com uma nova teoria da ciência ou uma nova filosofia da história, senão que eles mesmos *são* o instrumento de investigação no caminho-vivo que percorrem. E, se tivéssemos que traduzir em poucas palavras o código vibratório deste novo método, diríamos:

ressonância por similitude
com os fenômenos investigados.

Revolução do método: o antigo caminho em linha reta “volta” sobre si mesmo a raiz essencial que determina os atos e estende a ponte (quebrada pela mente racional) entre o conhecimento e a vida. Da dialética dos opostos, passamos à reversibilidade de valores; não estamos falando aqui de uma “toma” metafísica (*Die Kehre*, em termos de Heidegger), mas de uma toma *Gen-ética*, onde o antigo caminho da razão reverte em um novo sentido do esforço.

Esta revolução do método, por reversibilidade de valores, não é acessível à simples vista, porque em nossa já longa errância pelos caminhos da Terra, as pegadas dos antigos métodos ocultam as ressonâncias dos novos homens. Em nosso tempo de “violência universal”, desembocamos em um paradoxo do método: porque o próprio método científico/técnico/metafísico, que nos leva ao domínio do mundo, deixa-nos sem lar no caminho do homem. Em contraposição a este método de domínio do mundo e posse da vida, a tradição espiritual da humanidade deixou profundas pegadas no caminho de negação do mundo e da vida. Como dissemos em mais de uma oportunidade, a doutrina do renunciamento, interpretada unilateralmente, também pode levar-nos a um beco sem saída. A renúncia, pura e simplesmente, sem o “amor à liberdade” que move ao renunciamento, só com o “vende tudo quanto tens e dá-o aos pobres”, sem o “segue-me” do Evangelho, essa renúncia pode conduzir-nos a vazios da alma, sem enraizamento na vida. Pietro Ubaldi, ao referir-se, em *A Grande Síntese*, ao renunciamento como força evolutiva do amor, adverte sobre o perigo de mutilação da vida: “Se se impuser ao ser humano uma morte ao nível da animalidade, dever-se-á oferecer-lhe, em troca, um renunciamento ao nível da espiritualidade. As

paixões constituem grandes forças, as quais não são destruídas e sim, utilizadas e elevadas... Não imponhais a virtude ao próximo como meio de opressão para que, pondo-se em estado de renúncia, vos proporcione vosso domínio e vantagem na luta pela vida”. Mas então, se os antigos caminhos podem levar-nos a um caminho sem retomo, como se delineia este “novo sentido do esforço”, naquilo que chamamos de “revolução do método” e que, de uma ou de outra maneira, intuímos como “retomo” à fonte do amor, do conhecimento e da vida? Quebram-se aqui os antigos moldes e começamos a ouvir um novo A-corde humano, na grande sinfonia do universo:

resonantia- Verbum.

Algo disto já está ocorrendo em nosso mundo técnico, que McLuhan chama de “hibridação de meios”. Porém, para além dos meios técnicos, na interioridade do organismo humano em escala planetária, começamos a “ouvir” uma hibridação de meios de outra natureza: convergência das grandes correntes espirituais e sociais que con-figuram a estrutura dinâmica do novo Corpo. Dito de outro modo: desta “hibridação de meios”, não surge uma nova doutrina política ou espiritual, mas um novo *meio* (matriz gen-éfica) que opera como símbolo orgânico de funções humanas de ressonância cósmica. Já não estamos de todo sobre a Terra, alcançamos uma nova dimensão; para além do meio técnico (extensão dos sentidos) e para além dos arquétipos do inconsciente coletivo, ingressamos em um terreno totalmente desconhecido: no hiperespaço dos símbolos de transfiguração.

Mas, onde ir buscar
esses símbolos de transfiguração?
Onde antes estava a natureza.

O primeiro símbolo de transfiguração, que funda desde o sagrado o novo caminho do homem (egoência-método), é um antigo símbolo, cujo poder numinoso perdemos, em aras de nossa vontade de domínio: a função *trabalho*.

O novo método-vínculo
coloca o homem
em um novo lugar no mundo.

Novo sentido do *trabalho* - já não só vontade de transformar o mundo, mas consciência de transformar-se - esta função-trabalho, resgatada de suas formas de alienação, outorga ao homem uma missão cosmogônica, papel que, nas antigas teogonias, estava reservado aos deuses (lembrar de *Los Trabajos y los Dias*, de Hesíodo). O in-pulso desta mística do trabalho, acoplado ao poder essencial da técnica moderna, conferirá ao homem vindouro uma nova ferramenta teúrgica, na já longa caminhada dos peregrinos da Terra, em busca da ansiada liberação.

Liberada a energia atômica,
impõe-se como mandato histórico do momento,
liberar a energia humana.

Liberar o magnetismo humano, a própria “matéria prima” do homem, aprisionada em um forte campo magnético de posse dos bens transitórios da vida, liberar esse potencial de escravidão do coração em *energia livre* de participação do homem na grande obra de transfiguração social do Verbo.

EGOËNCIA-TESTEMUNHO

*Temos o dever de pressentir o novo,
tenhamos também o valor de afirmá-lo.*

José Ortega y Gasset, *El espectador*

É hora de testemunho:

por presença espiritual,
por participação social,
por silêncio sacrificial.

Qual é a missão desta vanguarda testemunhal (portadora de sentido orgânico) que vem instalar-se demasiado nos torvelinhos atômicos desestabilizados do antigo reino? Podemos responder com uma só palavra:

trans-missão.

Trata-se do “código inicial” que anima (dando sentido) as protoformas de vida que já começam a encaixar-se na arquitetura orgânica de um novo Corpo. As “protoformas” abrem o caminho para a nova história. Mas, como reconhecer a nota vibratória do novo signo do tempo?

Não estamos na época de João, o Batista: “Eu sou a voz que clama no deserto” (Jo. 1:23). Tampouco estamos no tempo de Santo Agostinho e Santo Tomás, quando o sopro inicial do cristianismo nascente só tinha à mão a filosofia grega, para fazer uma veste que o tomasse acessível à inteligência racional do homem. Hoje, o rosto do Senhor que advém nos “aparece/oculto” por trás dos símbolos de poder, cunhados pela ciência e pela técnica: a vontade de domínio dos senhores da terra “vela” o resplendor da luz que ingressa. Ingressamos em um tempo de *metaflutuação* da vida.

Começamos a tomar consciência, já não apenas da evolução das formas, mas da “evolução da evolução” dos princípios gerativos das formas: daí que a própria “forma” da revelação mude de signo. A visão escatológica se transfere hoje, do espaço cosmogônico ao tempo histórico. Não só “houve uma batalha no céu: Miguel e seus anjos

lutavam com o dragão” (Rev. 12:7), senão que “há” uma guerra arquetípica sobre a Terra: a força inicial de *gênese* se “curva” sobre o campo gravitacional do tempo *apocalíptico*. O doutor em Filosofia, Jorge L. García Venturini, em seu artigo “El Tiempo Apocalíptico”, tira o tema do “Apocalipse” do marco teológico interpretativo sobre o “fim dos tempos”, para remetê-lo ao sentir de nosso atual tempo histórico, isto é, ao fato de que se esteja vivendo já um tempo apocalíptico: “Hoje, é a própria história, em nível exclusivamente humano e observacional, a que mostra os signos apocalípticos”.

Dito de outro modo, e com meus próprios termos, os “sinais A-nunciadores” de nosso tempo não anunciam o que vai vir, mas o que “já veio”; e o que já veio é o “fim” das instituições que perderam o fogo do espírito e o “fim” do corpo que perdeu as funções sagradas da alma. Quer se trate de vírus assassinos, violência social ou violência dos elementos da natureza, a consciência nascente (pro-fética) se encontra frente a frente com as fauces devoradoras do dragão apocalíptico, que é como dizer, com o poder secreto dos antigos senhores da terra.

A guerra de liberação espiritual,
reduzida até ontem ao espaço interior do homem,
hoje se dá no cenário
de uma *metaflutuação* histórica.

Esta metaflutuação do tempo histórico faz com que a “egoência”, enquanto metafunção, quer dizer, enquanto nova identidade do homem no mundo, não possa ser compreendida em termos de singularidade psicológica ou metafísica e sim, vivida socialmente em carne própria: em combate singular de vida e morte, por mais vida. E, por um novo nome: “Não te chamarás, de agora em diante, Jacó e sim, Israel, porque lutaste com Deus e com os homens, e venceste” (Gên. 32:28).

Egoência:
em função de
combate singular.

Nos tempos atuais, o combate singular não é ao modo de Aquiles, Heitor e outros guerreiros prototípicos da guerra de Tróia (na qual, os heróis combatiam ao lado de seus deuses amigos) nem o combate

singular de Dom Quixote com seus moinhos de vento (com apenas o esforço de seu braço e a lembrança de sua dama inspiradora). Hoje, combatemos sem deuses e sem dama, mas tampouco estamos completamente sós: nossa compreensão é outra, nossa singularidade é de outra natureza. De uma ou de outra maneira, com desigual medida, tomamos consciência de que a própria *Luz*, que ilumina as rotas do mundo técnico, manifesta-se como *sombra*, no caminho interior do homem. Esta confrontação de forças assume hoje o caráter de violência universal: violência que hoje vivemos sem compreender, no seio de nosso próprio povo, nossa própria Igreja, nossas próprias instituições sociais, nosso próprio corpo... e ainda, nas entranhas de nossa própria Terra.

Talvez, esta confrontação arquetípica de forças solares e lunares, de “iniciação” e “contra-iniciação” tenha existido sempre nos enigmáticos labirintos do tempo histórico, mas a atitude do homem de hoje, frente a este dilema metafísico de “luz” e “escuridão”, é diferente:

a nova consciência
já não pretende resolver o paradoxo
desta “iluminação que se oculta”:
 nem pela teoria da ciência,
 nem pela metafísica da metafísica,
 nem pela teologia da revelação...

senão que se dispõe a resolvê-la,
 negando-se a resolvê-la.

Princípio de “negação” que, assumido historicamente pelo discurso dialético, desempenhou um importante papel na fase de transformação do mundo moderno, mas que o homem de hoje começa a incorporar (em sua própria fisiologia) como “reversão do sentido do esforço”: a outra metade da fórmula, na grande obra de transfiguração social do Verbo. Nesta fase da “grande história” (em termos de Rodolfo Kusch), o homem descobre seu novo lugar no mundo, assumindo-se a si mesmo como prot-agonista de um drama cosmogônico que transcende sua atual condição de homem:

Prot-agonista
que ascende por expansão de consciência

e baixa por encarnação sacrificial.

Forma de consciência-vontade, cujo modo próprio de manifestação é o testemunho simples. Essa “egoência-testemunho” não pode ser reduzida ao estreito marco antropológico de um pensar lógico-metafísico nem às interpretações filosófico-teológicas dos deuses conhecidos. Tropeçamos aqui, uma vez mais, com uma fronteira de linguagem difícil de cruzar.

Estamos tentando caracterizar o testemunho-protótipo que funda a história da era por vir. O homem se encontra hoje, frente a um desafio radical, que já não procede só da vontade do homem, mas de poderes que estão além do homem: desafio a ser respondido por sua própria condição de homem. Esta resposta-tipo, o testemunho que dá testemunho de si-mesmo, é o princípio *gen-ético* que reúne a história sagrada com o caminho do homem e se constitui em sinal anunciador para todo um povo, uma raça, uma cultura.

Quais são estes “poderes além do homem” que desafiam o homem a responder por sua condição de homem? São poderes com rosto ou sem rosto. E para quê vêm? Vêm provar o homem. Deus prova Abraão, quando lhe pede em sacrifício seu filho Isaac (Gên. 22:1, 12). O anjo, sob forma humana, luta com Jacó e Jacó dá testemunho de sua própria identidade: “Vi Deus face a face e ficou a salvo minha vida” (Gên. 32:30). E o próprio Jesus, não foi levado pelo espírito ao deserto, para ser tentado por Satanás (Mt 4:1)? E Jesus dá testemunho de Si-mesmo, negando-se a adorar o príncipe deste mundo. Trata-se de momentos e gestos críticos, cruciais, paradigmáticos, encruzilhadas do tempo, onde a Voz da história sagrada ressoa no caminho interior do homem. Um destes momentos-mystéricos é o que estamos vivendo hoje, em escala de sociedade planetizada, na fronteira entre dois mundos: onde o Deus desconhecido (às vezes, sob vestes de homem) vem perguntar pelo homem. Como se delineia esta resposta do homem, na era técnica do poder pelo domínio do mundo?

Testemunho simples:
responder simplesmente como homem.

Quando o Che põe fim a sua ação revolucionária em Cuba e translada a luta à selva boliviana, não só o cenário da guerra é outro: a natureza da guerra é “outra”; não só combate contra o poder político, senão que luta *com* os elementos: e dá testemunho, na vida e na morte.

Seu testemunho essencial transcende o marco das revoluções políticas: ante a fúria dos “elementos”, responde simplesmente como homem. Muitos séculos atrás, em outro grande desafio do poder imperial da Terra, o rei Nabucodonosor, de acordo com o relato do Livro de Daniel, “Fez uma estátua de ouro, com a altura de sessenta côvados e seis côvados de largura... e mandou o rei que fossem reunidos os sátrapas, prefeitos, sultões, ouvidores, tesoureiros, magistrados, juízes e todos os governadores das províncias, para que viessem à dedicação da estátua que o rei havia alçado... um pregoeiro clamava em voz alta: Vede o que vos é ordenado, povos, nações e homens de todas as línguas. Quando ouvirdes o som de trombetas, cítaras, harpas, saltérios, gaitas e de todo tipo de instrumentos, adorai, prostrados, a estátua de ouro que o rei Nabucodonosor alçou” (Daniel 3:1,5). Nem todos se prosternaram e adoraram, alguém disse *não*-, três jovens hebreus se negam a adorar e são lançados a um forno ardente... mas não morrem, “porque o anjo do Senhor havia descido ao forno e afastava do forno as chamas do fogo”. E surge uma pergunta: mito bíblico ou símbolo de transfiguração? Tampouco o Che de Vallegrande morre, nem morrem os milhões de mártires que todos os dias dizem não à vontade de poder dos Nabucodonosores do mundo moderno.

Testemunho-liberador:
não respondem com a vontade de poder
do super-homem
nem com o poder coletivo das
grandes organizações de massa;
respondem simplesmente como homens.

Mas, de onde tiram a força para combater os leões? É que no momento de máximo “perigo”, “o anjo do Senhor costuma descer ao forno ardente”.

Hoje, o homem,
como prot-agonista da nova história,
foi levado ao deserto da alma
para ser interrogado pelo Senhor...

ainda que nem sempre tenhamos consciência de que se trate realmente de uma misteriosa Presença que pergunta pelo homem. Fomos levados

ao umbral de um novo mistério (*Mysteriwriy*. iniciação espiritual da humanidade, talvez porque haja chegado o momento de alcançar uma hierarquia mais elevada na ordem de funções da Árvore da Vida. Rito de iniciação que reproduz as três perguntas fundamentais que escutamos no Evangelho, como “tentação no deserto”.

A pergunta pelo “pão”: “Diz a estas pedras que se convertam em pão.”

A pergunta pela “liberdade interior”: “Tudo isto te darei, se me adorares.”

A pergunta pelo “poder”: “Se és filho de Deus, atira-te daqui para baixo.”

Três grandes temas, três grandes princípios espirituais, três grandes funções da vida que, in-corporadas à fisiologia orgânica do homem vindouro, com ajuda da ciência e da técnica, preparam as condições iniciais para uma nova epifania do espírito: transfiguração social do Verbo.

A pergunta pelo “pão” se resolve em mística de trabalho, economia providencial, renúncia ao credo de posse.

A pergunta pela “liberdade interior” se resolve por reversibilidade de valores, por volta sobre si, por custódia do recinto sagrado do coração.

A pergunta pelo “poder” se resolve pela harmonia dos valores divinos e humanos, pela gravidade-e-a graça, pela correspondência entre o esforço humano e a graça divina.

Já não lutaremos só pelo salário, por um pedaço de pão ou um pedaço de terra: lutaremos por um lugar, uma função, um sentido na grande obra de transfiguração social do Verbo.

Buenos Aires, Páscoa de Ressurreição, 1999

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BÃAR, Nora, artigo em *La Nación*, Buenos Aires, 13 de abril de 1996.
- BATESON, Gregory, *Notes on an Emerging Planet*, New York, Harper and Row, 1977.
- BAUDRILLARD, Jean, *El Crimen Perfecto*, Barcelona, Anagrama, 1996.
- *El Paroxista Indiferente*, Barcelona, Anagrama, 1998.
- *La Transparence du Mal*, Paris, Galilée, 1990.
- BECCACECE, Hugo, “Los Dioses Corruptos”, *La Nación*, Buenos Aires, 30 de junho de 1996.
- BORLAU, Norman, entrevista em *La Nación*, Buenos Aires, 20 de janeiro de 1996.
- CABRERA, Napoleón, “Por qué es difícil la música moderna”, *La Nación*, Buenos Aires, 29 de outubro de 1995.
- CASTANEDA, Carlos, *Journey to Ixtland*, New York, Simon and Schuster, 1972.
- *Tales of Power*, New York, Simon and Schuster, 1974.
- CASTRO, Jorge, “Las Múltiples Guerras de la Posguerra Fria”, *La Nación*, Buenos Aires, 12 de janeiro de 1997.
- CUATRECASAS, Juan, *Ramón LLul, Médico y Filósofo*, Barcelona, Roca, 1977.
- DESCHNER, K., *Amerikanisierung der Welt*, Stuttgart, Weibrecht, 1992.
- FRANKL, Viktor, *El Dios Inconsciente*, Buenos Aires, Plantin, 1955.
- GARCÍA VENTURINI, Jorge, “El Tiempo Apocalíptico”, *La Nación*, Revista, Buenos Aires, 28 de novembro de 1996.
- GEBSER, Jean, *Vrsprung und Gegenwart*, Schaffliausen, Novalis Verlag, 1989.
- “The Foundation of the Aperspective World”, *Main Currents*, 29,2,1972.
- GUEVARA, Ernesto, “Carta a Aníbal Quijano”, *Marcha*, Montevideu, 12 de março de 1965.
- HEGEL, Friedrich, *Fenomenologia dei Espiritu*, La Habana, Instituto Cubano dei Libro, 1972.
- *Ciência de la Lógica*, Buenos Aires, Solar, 1976.

- HEIDEGGER, Martín, *Unterwegs zur Sprache*, Stuttgart, Neske, 1997.
- Lecciones de M. Heidegger, semestre de verano de 1934*, Madrid, Anthropos, 1991.
- HEISENBERG, Wemer, *Encuentros y Conversaciones con Einstein y otros ensayos*, Madrid, Alianza, 1985.
- I Ching*, Buenos Aires, Sudamericana, 1978.
- JUNG, C. G., *El Ko y el Inconsciente*, Santiago de Chile, Época, 1920.
- *Respuesta a Job*, México, Fondo de Cultura Económica, 1992.
- KAMENETZKY, Mario, artigo em *Relaciones*, Montevideu, janeiro-fevereiro, 1993.
- KRISHNAMURTI, J., *The Awakening of Intelligence*, New York, Avon Books, 1973.
- Biografía*, Madrid, Sirio, 1990.
- KUSCH, Rodolfo, *América Profunda*, Buenos Aires, Bonum, 1986.
- LU TZU, *Il Mistero dei Fiore*, Papua, Mediterranée.
- MARÓTHL János, “Ritmo y rito. Dagli Schemi Comportamentali alie Struttere Musicale”, *Musica/Realtà*, XV, 47, 1995.
- MEAD, Margareth, *Adolescência y Cultura en Samoa*, Buenos Aires, Abril, 1945.
- MUNÓZ SOLER, Ramón P., “La Egoencia dei Ser”, *Cuadernos de Cultura Espiritual*, 2, Buenos Aires, ADCEA, 1969.
- *Universidad de Síntesis*, Buenos Aires, Depalma, 1984.
- *Gérmenes de Futuro en el Hombre*, Buenos Aires, Arayú, 1967.
- *El Comino de la Egoencia: de la angustia existencial a la mística dei corazón*, Buenos Aires, Arayú, 1969.
- NIETZSCHE, Friedrich, *Así Habló Zaratustra*, Madrid, Aguilar, 1932.
- OBIETA, Adolfo de, *Tiempo de Profecias II*, Buenos Aires, Corregidor, 1992.
- ORTEGA Y GASSET, José, *Meditaciones dei Quijote*, Madrid, Revista de Occidente, 1966.
- El Espectador*, Madrid, Revista de Occidente, 1928.
- *El Tema de Nuestro Tiempo*, Madrid, Revista de Occidente, 12ª edição, 1956.
- ORTOLANL Valerio, *Personalidad Ecológica*, Puebla, Universidad Iberoamericana, 1984.

- PAZ, Octavio, *El Arco y la Lira*, México, Fondo de Cultura Económica, 1956.
- *Corriente Alterna*, México, Siglo Veintiuno, 1969.
 - *Los Signos en Rotación y otros ensayos*, Madrid, Alianza, 1971.
- PICHT, Georg, *Refletions au Bord du Gouffre*, París, Robert Laffont, 1970.
- POPOL VUH, Buenos Aires, Seix Barraí, 1998.
- PRIGOGINE, Hya, *¿Tan Sólo una Ilusión?*, Barcelona, Tusquets, 1983.
- REICH, Charles, *The Greening of América*, New York, Random House, 1970.
- SÁBATO, Ernesto, *Antes dei Fin*, Buenos Aires, Seix Barraí, 1998.
- Memórias*, Buenos Aires, Seix Barraí, 1999.
- SCHURÉ, Édouard, *Los Profetas dei Renacimiento*, Buenos Aires, Futuro, 1945.
- THOMPSON, William Irwin, *Notes on an Emerging Planet*, New York, Harper and Row, 1979.
- SCHWEITZER, Albert, *El Pensamiento de la india*, México, Fondo de Cultura Económica, 1952.
- SRI AUROBINDO, *The Synthesis of Yoga*, New York, Sri Aurobindo Library, 1953.
- TRESMONTANT, Claude, *El Problema de la Revelación*, Barcelona, Herder, 1972.
- UBALDI, Pietro, *La Grande Síntesis*, México, Voz Informativa, 1959.